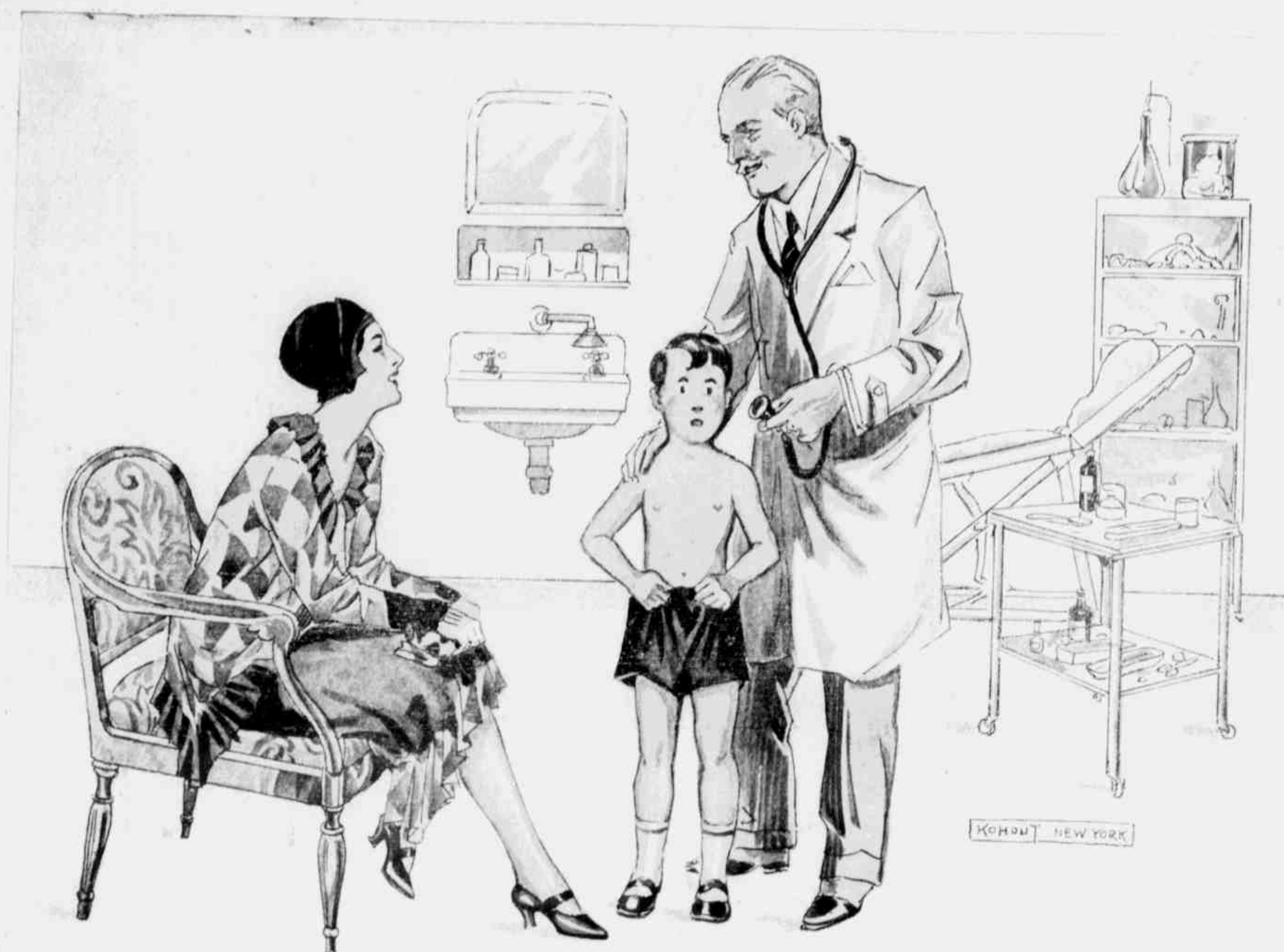
PARA TODOS

1$500

ANNO XIV
NUM. 698
5 DE MARÇO
1932

— Não é nada, minha senhora . . .

— Quando as mães são prudentes e cautelosas como V. Ex., certas doenças dos filhos perdem a importancia. A tosse do seu menino, si não fosse tratada a tempo, poderia tornar-se grave, porque uma tosse é sempre um perigo para uma creança. É descuido imperdoavel dos paes deixar de tratar, ás primeiras manifestações, a tosse dos filhos pequenos, porque a tosse enfraquece o pulmão e o expõe a males mais serios. **Mas cortando** a tosse no começo, o caso perde a importancia. É o caso do seu pequeno: dê-lhe **Bromil** e não se preoccupe.

O Bromil é o melhor remedio conhecido para a Tosse das Creanças: ás primeiras doses, faz cessar a tosse, desinfectando os pulmões e soltando o catarrho.

TOSSE ? BROMIL

Rua do Ouvidor 181 — 1.º

End. telegr.: "Paratodos"

Telephone: 2-9654

Para todos...

REVISTA SEMANAL

Assignaturas

1 anno — 75$000

6 mezes — 38$000

Directores

Alvaro Moreyra e Oswaldo Loureiro

Idéas que outros tivéram

Tenho estas verdades como evidentes.

Que o homem foi feito para ser feliz;

que a felicidade só póde ser adquirida pelo esforço util;

que o melhor meio de ajudar a si mesmo é ajudar aos outros; que o esforço util implica e significa o exercicio conveniente de todas as nossas faculdades; que só nos desenvolvemos por meio desse exercicio. — **Elbert Hubbard.**

Quando amamos, somos u t e i s; quando nos amam, somos indispensaveis. — **Stevenson.**

Feliz de quem é amado e mais ainda de quem ama com ingenuidade. Não raciocina, — ama. Não pergunta se existem obstaculos, não os procura nao os evita, — ama. Quasi não se preoccupa de que respondam á sua sympathia; não imagina que póssa ser repellido, — ama com ingenuidade. Mas, não é dado a todo mundo ser ingenuo... — **Remy de Gourmont.**

Nós pomos o infinito no amor. Mas as mulheres não têm culpa disso. — **Anatole France.**

Não se perde nada em parecer mau; ganha-se quasi tanto como em sel-o. — **Machado de Assis.**

Não ha obra prima escripta de mau humor... — **Charles Morice.**

O homem nada mais é que um insecto sob o céo; mas que elle se respeite, e será bem Deus. Um espasmo da creatura vale toda a natureza. — **Jules Laforgue**

Não existe na terra felicidade que mais se deva desejar, do que um longo e admiravel amor... Mas, se não encontrardes esse amor, o que fizestes para ser digno delle não será perdido para a paz do vosso coração, para a tranquillidade mais corajosa e mais pura do resto da vossa vida. — **Maeterlinck.**

Não sabes o que é o coração do homem. Ha para o homem tal necessidade, tanta alegria na consciencia, quando perdoou verdadeiramente, de todo o coração! E' como uma segunda posse, como uma creação nova. — **Ibsen.**

Passei a vida ouvindo os homem falarem nas suas desillusões e não experimentei n e n h u m a. Decepções, [illegible]meras, enganos, que é tudo isso? [illegible]nhum objecto da terra me mentiu. Todos foram para [illegible] o que me tinham promettido ser. Todos, mesmo os m a i s despreziveis, sustentaram exactamente o que me tinham annunciado. O que amei, achei cada dia mais amavel. Cada dia a justiça me pareceu mais santa, a liberdade mais bella, a palavra mais sagrada, a arte mais real, a realidade mais artistica, a poesia mais verdadeira, a verdade mais poetica, a natureza mais divina, o divino mais natural. — **Edgar Quinet.**

E' preciso preferir u m a honrosa derrota á uma victoria mesquinha: é revelar o nosso ideal. — **J. Ruskin.**

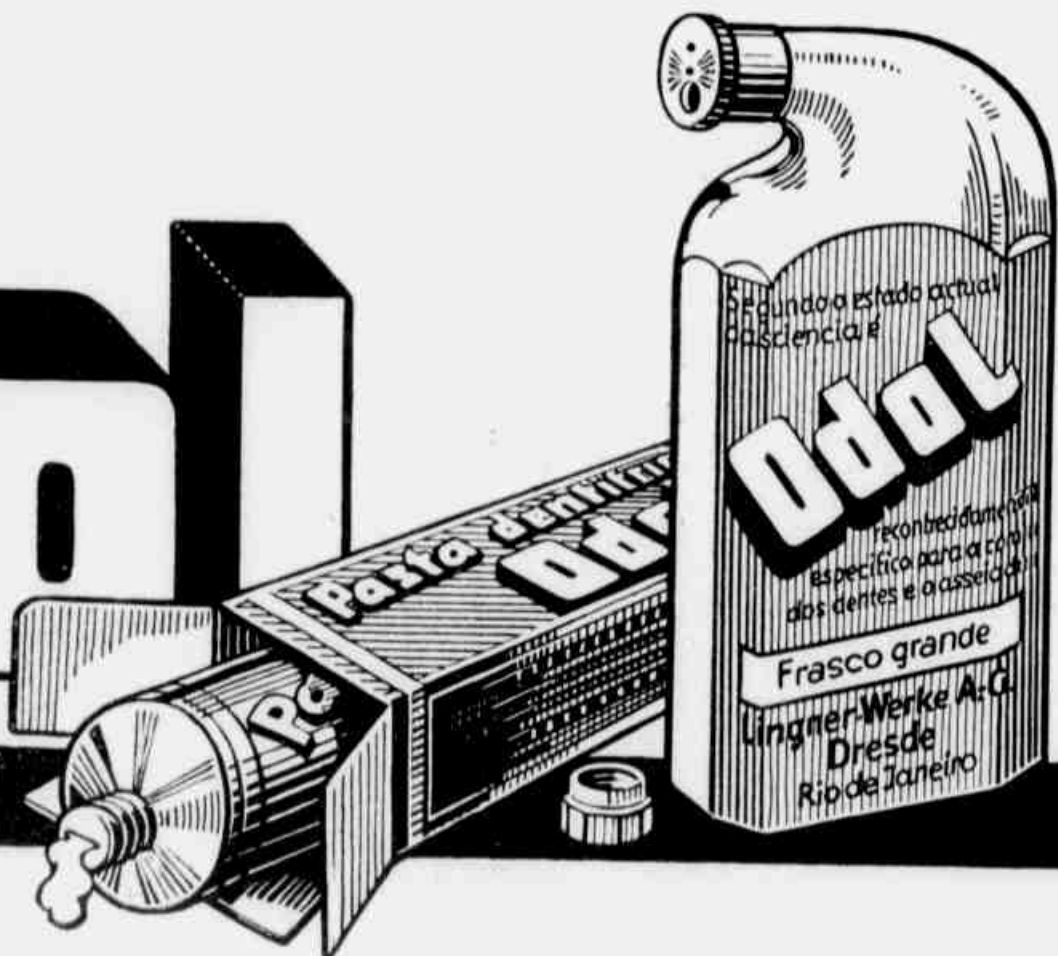
Ser desejada, para uma mulher, é não envelhecer. — **Jean Lorrain.**

O destino é como um espelho: faça uma careta e elle a repetirá; mas sorri, e elle te sorrirá. — **E. S.**

Quando somos infelizes, é quasi sempre porque, como as creanças mimadas, despresamos a abundancia dos nossos bens e choramos para obter uma coisa que se acha fóra do nosso alcance. — **M. J. Savage.**

Não cumpriste todos os teus deveres si descuraste o de ser alegre. — **Charles Buxton.**

Um homem ia enforcar-se. Mas encontrou, junto á arvore que lhe serviria de forca, um thesouro. Pegou delle e fugiu. O dono do thesouro veiu e, não encontrando o thesouro, pegou da corda, lançou-a á arvore e enforcou-se. — **Platão.**

Dentes
como um fio de Perolas
Escovar os
dentes com a pasta
ODOL
e empregar ao mesmo
tempo o liquido
ODOL
é transformar a
dentadura num
fio de Perolas.
A pasta „Odol“ torna os dentes alvos, sem atacar o esmalte e impede a formação das pedras (tartaro).
O liquido „Odol“ penetra em todos os intersticios dos dentes, embebe de substancias desinfectantes os residuos ahi retidos, impedindo a sua decomposição e, deste modo, combate a causa da carie.
Odol
Segundo o estado actual da sciencia é
Odol
Frasco grande
Lingner-Werke A-G.
Dresde
Rio de Janeiro

VIVER... MORRER...

ALVARO MOREYRA

QUANDO as creanças sonham que estão cahindo é porque estão crescendo. Aprendi esta verdade ha muitos annos. Mas sonhei poucos sonhos assim. A culpa foi minha. Paciencia. Toda culpa tem vantagem. Se não cresci de mais, carrego commigo o garoto que eu fui e outro que a vida me deu.

O garoto que eu fui guarda o deslumbramento da infancia, continúa simples em frente das coisas creadas, creando-as de novo, por encanto, curiosidade, admiração. O outro é um moleque sem vergonha...

Ás vezes, penso que não vale a pena viver. Depos, torço as sobrancelhas entre os dedos, páro na duvida: morrer, que é que adianta?

Viver... morrer... Questões pessoaes. Cada um sabe por que morre. Nem todos sabem por que vivem.

Vicente Licinio Cardoso soube por que viveu e soube por que morreu. Era um optimista. Acreditava. Trabalhava. O que fazia vinha sempre com um gosto de prazer. Certo. Verdadeiro. Punha a affirmação do espirito acima das idéas praticas e, por isso mesmo, as suas idéas, que deviam tornar-se praticas, quedaram, longe da confusão quotidiana, desconhecidas ou apenas julgadas theorias irrealizaveis... Pelo entendimento geral, pela clareza com que via e descobria, aquelle homem de passos vagarosos lévava a pressa de um Brasil differente. Passos perdidos. Préssa em vão. Um dia, sentiu que estava cansado, exhausto de tanto esforço inutil. E, de repente, os nervos fixaram nelle este pavor: ia ficar imbecil! Matou-se. Para não dar o espectaculo da triste decadencia aos que o amavam e admiravam. Se fosse ambicioso, se por acaso desejasse applausos fartos, proveitos materiaes, a convicção de que ia deixar de ser intelligente seria antes um motivo de viver...

O Sonho do Velho Boxeur

Por

ORIO VERGANI

TENS na tua maleta o minimo indispensavel. Aliás as tuas viagens nunca te preoccupam. Chegadas e partidas. Um pedaço de sabão, um pente, o vidro de amoniaco para aspirar nos intervallos entre dois assaltos Quanto á esponja que limpa a saliva dos teus labios, nos minutos de repouso, arranjarão para ti. Só os "boxeurs" notaveis usam esponjas proprias no "ring". Tu te servirás da esponja commum.

Tudo que te é necessario está lá, até os teus sapatos sem saltos, com cordões brancos, as calcinhas, nas quaes apparece, bordada, uma cabeça de cachorro, o famoso "molosso" *mascotte* e o roupão amarello e roxo, tua unica elegancia. As grossas luvas para a luta não te pertencem: como a esponja, ellas te serão fornecidas. Todo o teu officio reside nas tuas mãos; não deixarás nenhuma ferramenta aos teus filhos si, amanhã, elles quizerem se entregar ao mesmo trabalho.

Lá estás, com um pequeno gorro, a golla levantada, a cabeça cahida sobre o peito. O cotovello appoiado á maleta, dormes, esperando que chegue o trem de quatro horas.

Lá estás vencido por esse silencio, mais do que no "ring", por teu adversario. Sob todos os pontos de vista, esse banco de sala de espéra é mais confortavel do que o outro no qual te atiram, ao sôar a ultima pancada no "gong", braços e pernas estendidos, como si fossem te esquartejar.

Esse banco, onde estás, é cheio de crina, como as tuas luvas de exercicio, e range familiarmente quando te moves, fazendo a omoplata de alavanca. Uma sala de espéra quadrada. Entretanto, no angulo opposto, não se vê nenhum adversario rodeado de massagistas e de conselheiros; nenhum adversario contra o qual te atirarás assim que o relogio mandar. Mesmo que sonhes, não te acontecerá confundir com um arbitro o guarda adormecido que é o primeiro a se espantar com a sonoridade da sua vóz, nesse silencio de estação, á noite.

Esse silencio de estação, depois de tres quartos de hora de combate te socegou os nervos como um banho morno e prolongado. Graças a elle, desappareceram a especie de casco que te apertava a cabeça, a sensação de vertigem que te pesava nos olhos, a difficuldade de respirar, o peso no estomago.

Com um olhar entrevias as lampadas que sanguineos clarões rodeavam de um halo tragico e pensavas confusamente que se trocavam golpes depois de um corpo a corpo. O teu maxilar parecia deslocado e penosamente posto no logar, tacteavas com dois dedos para vêr si os teus dentes se achavam ainda implantados.

O azul das tuas faces e o roxo das tuas orbitas contundidas, que chamaram a attenção do guarda da sala, desapparecerão. Acabas de olhar mais uma vez as tuas mãos: essas mãos habituadas ao enfaixamento que, durante o combate, conserva os dedos alongados, estendidos como os das crianças quando rabiscam numa parede. Nada de particular para as tuas mãos. No seu logar tambem a carteira, com a centena de mil réis ganha; no seu logar a grossa écharpe que te enrola o pescoço. Pódes partir tranquillo.

Não perturbes o teu somno com a idéa da derrota. Hoje em dia nada póde fazer bem nem mal á tua carreira. E's um homem acabado, bem o sabes. A cada assalto, para o futuro, tens tudo a ganhar. Possues um velho nome estrangeiro e sonoro, um passado glorioso, uma resistencia physica sempre digna de respeito; és um adversario "forte e generoso", capaz de impressionar ainda o publico das geraes que receia, para prejuizo de um favorito, qualquer estratagema perigoso. Ficas na brécha sem emphase, honestamente; sabes o que pódes dar e o que pódes receber.

De quinze em quinze, de vinte em vinte dias, tens uma offerta da parte do "manager": um nome de cidade longinqua, de direcção meio desconhecida, uma quantia e um endereço de empresario. Pedem-te affrontar com o teu maxilar e as tuas costellas; com a tua experiencia e a tua resistencia, alguem de 20 annos, semelhante ao que tu eras ha 10 annos, que procurará juntar o teu nome aos dos homens que já venceu. Nada a dizer. Combinas o preço, tomas o trem, chegas, combates, partes. Outróra, na fronteira, os empregados do teu paiz te reconheciam, mesmo sem photographia. Consideravam-te, então, uma "solida promessa". O nariz fracturado, as orelhas achatadas, symbolo de força. Hoje, passas como um pequeno negociante que nada tem a declarar na alfandega e só se preoccupa de não perder o trem.

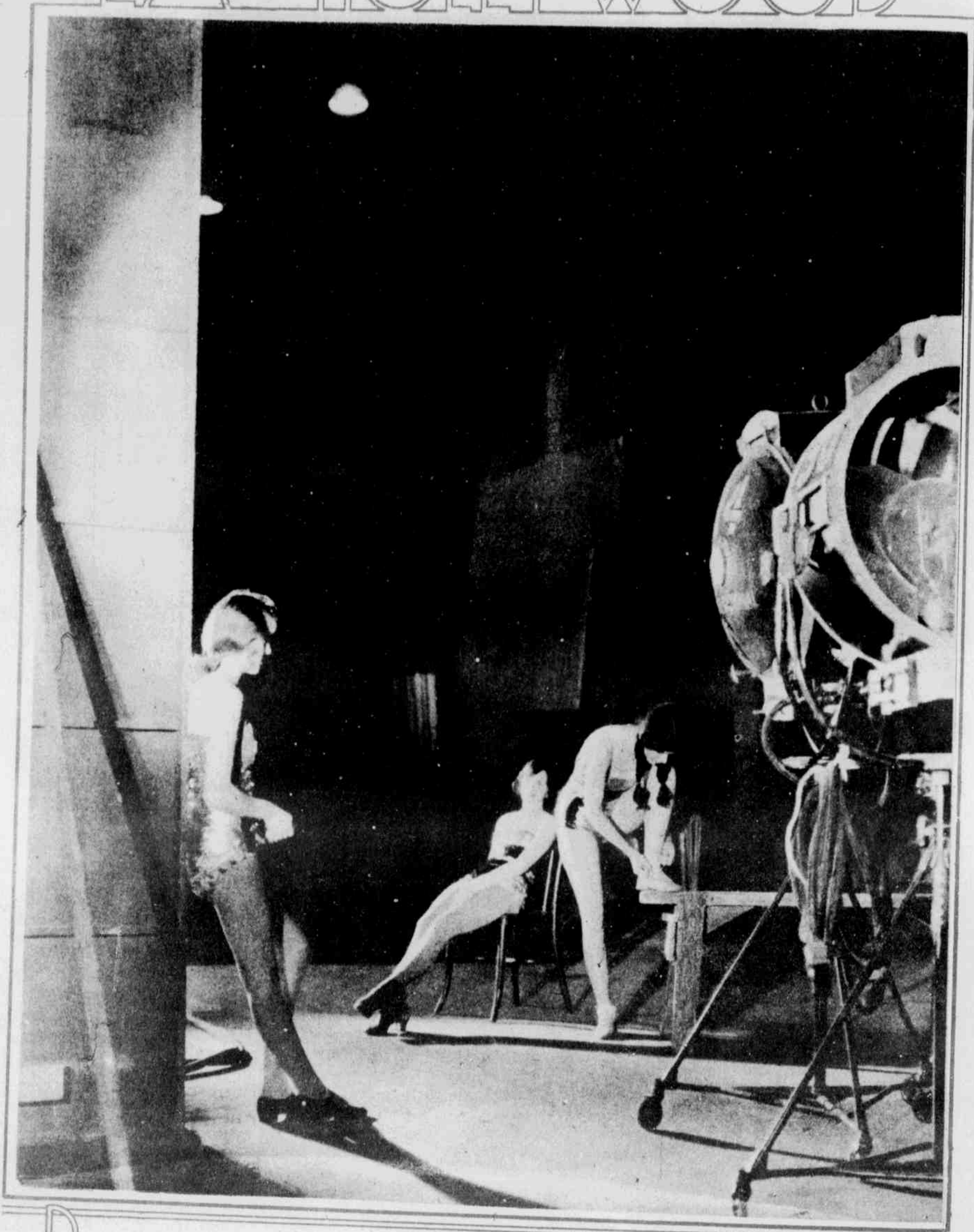
Esta noite, foste vencido. Como se chama essa cidade? Amanhã já a terás esquecido. Como se chama o teu adversario? Não sabias, nem no momento da luta! Emquanto o "manager" gritava o seu nome, para a direita, para a esquerda, para a frente, para traz, tu verificavas si os cordões das tuas luvas apertavam sufficientemente os teus pulsos. O peso do outro devia se igualar ao teu. Observavas, dentro daquelle roupão novo, tão novo quanto o teu velho — os finos joelhos, os musculos poderosos das coxas; os braços plantados, como troncos ainda novos, na espadua redonda. Offereceram-te um ramo de flores com as côres da tua Patria. Mas sabes que essas flores são

unicamente para uma photographia. Um secretario as recolhe em seguida. Um tal, fervoroso do "box", já conhecido, se offerece para te servir de ajudante. Elle ou um outro, que importa? Eil-o ao teu lado emquanto ouves as ultimas recomendações do arbitro. Eil-os todos lá, teus adversarios, esperando o momento. O arbitro, para se fazer comprehender, se exprime em francez, acompanhando com gestos a explicação dos golpes prohibidos. Todas essas coisas tu conheces muito bem. Mas, respondes "sim" com a cabeça. O "outro" desconhecido, faz tambem signaes de approvação. Espéras o signal do "gong". O arbitro toma a attitude infinitamente embaraçada de alguem que fixou um encontro num logar onde se vão bater. Tu, por elegancia, durante os ultimos segundos de espéra, executas no teu canto, algumas flexões de pernas, segurando nas cordas do "ring". Ouves alguem que te péde para retirar o roupão aberto lá, expressamente, naquelle canto, para prejudicar a vista. Vês um que procura a tua biographia no programma; um que não acha phosphoros e remexe nos bolsos com gestos desordenados; uma mulher que observa outra; o rapaz, no angulo opposto, tem o rosto afflicto de quem vae espirrar.

O "gong". Voltas, estendes o braço para tocar com um signal de lealdade as luvas do adversario. Tu te pões em guarda, calculas, te esquivas e respondes. Sentes a respiração do outro; atraz de ti, os dois globos negros dos punhos fechados nas luvas sobrenadam e pulam na atmosphera. Elles te espreitam, roçam, chocam, encontram-se com os teus. Ouve-se o ruido de tapas sonoros como os dos clowns. Procuram o teu maxilar, o teu nariz, as tuas sobrancelhas, o teu coração. Attingem o figado, com furor. Então retêns a respiração. Elles sobem subitamente para o queixo e encontram o vacúo estupido. Os ajudantes do outro, os olhos no nivel do "ring", contam e excitam, e murmuram, e preparam as toalhas e os vidros. Recebes um golpe, dois, cinco; dás um, dois, cinco. Mais fracos, bem sabes, pois os que recebeste te pesam nas costellas e no maxilar. Os teus golpes, tu sentes, chegam surdos e vasios, sobre esse corpo joven e intacto. Subitamente, as cordas te queimam os flancos; oscillam com uma elasticidade fantastica. Os angulos se fecham; só sahirás com um golpe de astucia. O corpo a corpo te fatiga e não consegues impôr o combate á distancia media. O systema que consiste em te evitar com agilidade não póde durar sinão durante quatro ou cinco assaltos; em seguida, o outro, prepara como se diz: "o golpe decisivo". Visa a ponta do queixo e calcula com um olho insidioso e rapido a trajectoria fulgurante que deverá percorrer para martelar bem "o uppercut". O golpe parte. Não chega; raspa o queixo, corta o labio; choca as narinas. Um gosto de sangue ao qual é preciso não prestar attenção. A multidão grita: não faz mal. Apenas, tu te esforças para não ceder uma pollegada de terreno: tu te ligas, tu te agarras ao adversario. Procuras embaraçar a sua furia, derrotal-a. O arbitro dá um signal, passa entre os dois corpos nús com o seu casaco preto. Nos seus olhos se imprime como que a sombra que elle conseguiu separar de um dos dois pugilistas e tenta prender ao outro. A luta toma uma direcção imprevista: angulos e meio-circulos, investidas, recúos, ponta-pés; golpes de calcanhar; attenuados por um socco no vacúo, reavivados por um golpe cheio, repellidos pela corda; resvalado dos angulos, levado ao centro por ataques successivos, coques, arremessos, num rythmo marcado irregularmente por golpes de imprevistos que tremem sobre os ante-braços; que attingem o coração, o figado, o figado ainda; agitação de trevas e de claridades, improvisada por um golpe sobre o olho, por um outro, e ainda um outro, acrescido por um ranger de dentes. Uma luta cahotica, surda, que quér separar os musculos, encontrar o esqueleto, percutir o craneo, imprimir a dôr nos ossos da cabeça, e extinguir qualquer coisa, não se sabe o que precisamente, a força, o olhar, a vida... Talvez a vida propriamente, não. Mas, uma vez, por acaso, tu sabes que, num dos numerosos "ring" do mundo, um "boxeur" cahe, levanta-se, cahe de novo, levanta-se e morre. Não é propriamente a vida que se quér. Mas entretanto, essa idéa se encontra com o espirito atravéz do labyrintho fulgurante dos golpes, como uma mariposa desvairada entre relampagos. E o destino segue, enluvado de couro marron, justamente contra o sêr humano...

Que fazes? Dormes á espéra do trem. Na tua terra te chamam "o operario do ring", um operario honesto que ainda póde trabalhar. Tens quasi trinta annos e és já um velho "boxeur" sem esperança. Depois do combate, si a tua mão não dóe muito, enfiarás no dedo o anel de ouro do teu casamento. Num suburbio de cidade longinqua, tu representas o Senhor X..., morador em tal rua. Não mandas telegrammas á familia depois do combate. Chegas um ou dois dias depois; desces na esta-

(Termina no fim do numero)

EM HOLLYWOOD

Parece pintura de um discipulo de Degas em 1932. Não é. É apenas a photographia do recanto de um «studio» na cidade do cinema americano, feita por Anton Bruehl.

Do Carnaval de 1932

Senhorita Cryzeida Luna Freire com a sua fantasia de "Madame Satan".

Baile infantil no Cine Eldorado

O Carnaval ainda não acabou

A' esquerda Iza Santos

A' direita Iris Santos

NA CIDADE

MARTIM LUZ

Quando vocês virem por ahi um rapaz de cabelleira romantica e grandes olhos negros e cheios de mocidade, guiando uma baratinha azul, já sabem: é o Lula.

Lula é um caso interessante no Brasil.

Sem precisar de se preoccupar com o problema complicado de viver, poderia ser apenas um moço bonito, isto é, um desses filhos de papae rico que se occupam em gastar a fortuna paterna nos ocios dos nossos horriveis *cabarets*.

Mas preferiu estudar, trabalhar, applicar-se, ser uma das expressões artisticas do Brasil de hoje.

O seu *atelier* da rua das Laranjeiras, decorado por elle mesmo, é um logar onde, de facto, se trabalha.

Em cima dos moveis, modernos e elegantissimos, que elle mesmo construiu, avolumam-se os albuns cheios de seus desenhos.

Ha negros e mulatos por toda a parte trepados nos moveis, enchendo as paredes, nos paineis decorativos, entre bananeiras estylisadas, coqueiros, palmeiras, cactos, plantas tropicaes.

A gente mestiça de sua terra não é apenas um motivo interessante de decoração. Ella está profundamente radicada na arte do joven decorador. Quasi é uma obsessão.

Elle sentiu e interpretou a esthetica dos sambas do morro, das festas populares do Norte, das batucadas, das emboladas, cateretês, macumbas, candomblés, mandingas, pagelanças...

Lula é pernambucano, mas não ia ha muito tempo á sua terra. Agora, foi a Recife, onde passou o Carnaval. Antes, esteve na Bahia.

Trouxe uma porção de coisas interessantes: estudos, desenhos de typos curiosissimos, personagens de festas populares, bahianas authenticas.

O sol violento do Nordeste ensinou-lhe uma technica nova. Sente-se o calor, *vê-se* o calor, em seus desenhos.

O scenographo não fica atrás do illustrador. Ninguem se esqueceu do exito das montagens feitas por elle para Procopio.

Ainda nessa feição do seu talento, o artista conseguira imprimir o sentido brasileiro.

A linha moderna e elegante de seus moveis não impede que uma janella aberta mostre, ao longe, uma bananeira no quintal, como um ponto brasileiro de exclamação.

Essa escravidão á terra, não prejudica, entretanto, a universalidade de sua arte,

Lula

Boneco de Cortez

emancipada, principalmente, pela magia libertadora das mulheres.

Desenhando-as, Lula procurou naturalmente os typos que poderiam melhor commover sua sensibilidade de estheta e de moço. O homem, collaborando com o artista, emancipou sua arte de quaesquer preconceitos regionaes, dando-lhe apenas o anseio da Belleza.

Em seus quadros, ha mulheres longas, esguias, com geito fidalgo nas mãos finas, mulheres fumadoras de opio, doentes, com attitudes fataes. E' uma particularidade das mulheres feitas por Lula: todas possuem esse ar profundo de mysterio, de alheiamento, de morbidez, de sonho...

A modernissima geração artistica do Brasil apresenta uma porção de nomes de valor.

Assim, de passagem, pode-se citar Sotero Cosme, artista brilhantissimo, que aperfeiçoou sua arte em Paris; Luiz de Gonzaga, tão pessoal e de traço tão elegante; Alvarus, o mais popular dos nossos caricaturistas; Flavio, tambem caricaturista, agil e suggestivo; Cortez, original e personalissimo no seu estylo nervoso; Fahrion, optimo em varias technicas; Luiz Sá, o homem dos traços redondos; e uma infinidade de valores novos e vibrantes que surgem agora ou surgiram ha pouco, além de outros menos divulgados por pouco collaborarem na Imprensa, como Luiz Abreu, Edison Motta, Monteiro Filho e outros.

Os excessos das escolas revolucionarias passaram de moda. O cubismo é um genero morto.

Os novos artistas brasileiros, que têm a vantagem da experiencia feita pelos precursores, devem sentir, principalmente, a fascinação do Brasil.

Esta terra ainda não foi penetrada conscientemente pelos seus proprios filhos.

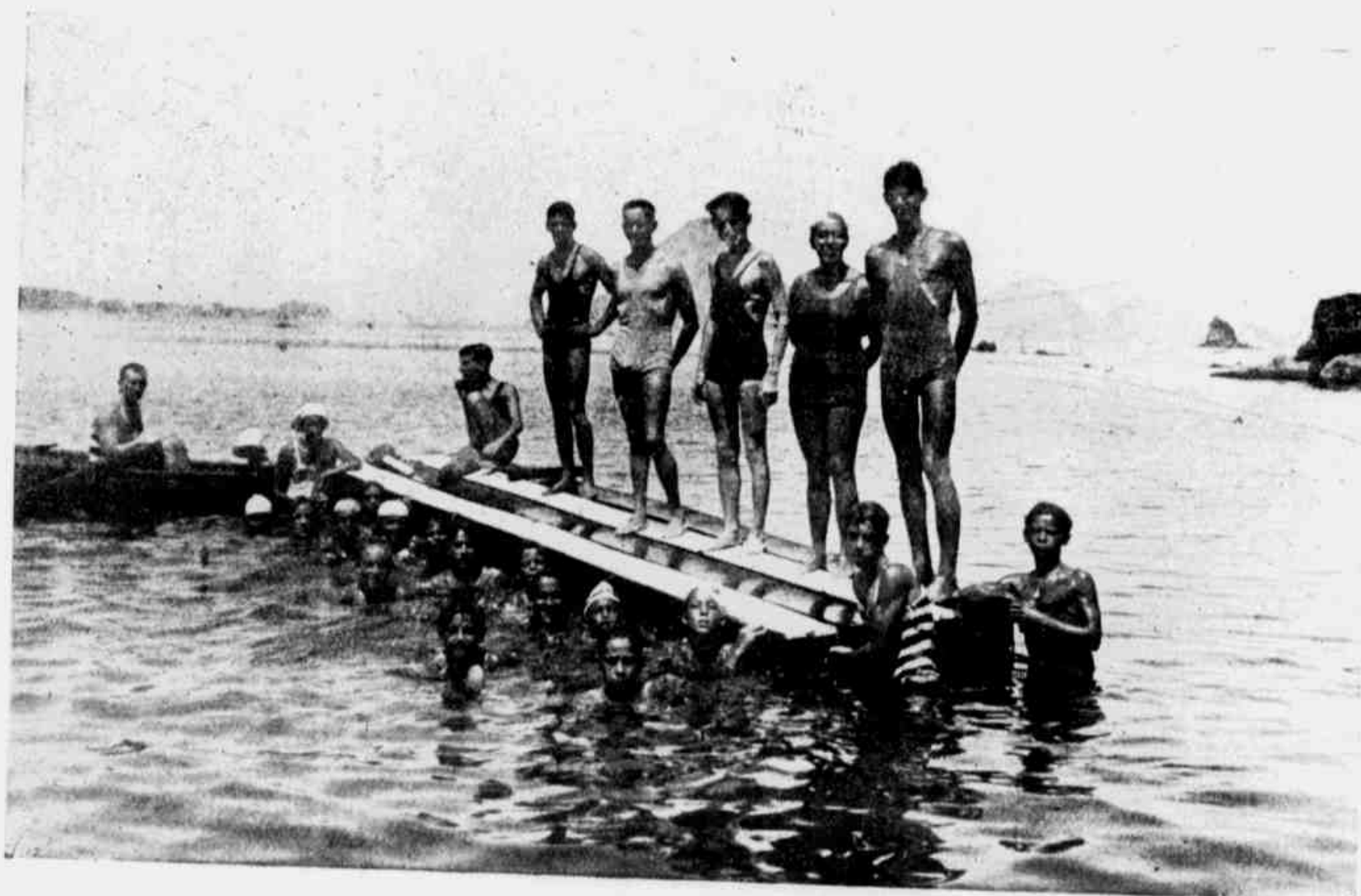
Seus costumes, suas lendas, seu *folk-lore*, seus typos, são curiosissimos motivos de arte, que o proprio artista brasileiro deve sentir. Não apenas com curiosidade, mas, sobretudo, com emoção verdadeira.

Sob esse ponto de vista, Lula, que aliás estudou em Paris, é um exemplo que se pode apontar aos seus companheiros de geração.

Em Junho proximo, no começo da *estação*, o artista de Pernambuco vae fazer uma exposição de seus trabalhos ineditos. Antes, porém, os seus admiradores, naturalmente, nunca o perderão de vista, nas capas do *Para todos...*, nos desenhos de revistas, sendo que Renato Vianna, o director do *Theatro de Arte*, já lhe encommendou a montagem de uma peça de Joracy Camargo.

Homenagem ao presidente do Club de Regatas Gragoatá, Sr. A. Malhão

Nas praias do lado de lá

Concurrentes ás provas do concurso para moças e creanças, organizado pelo Club de Regatas Icarahy.

NOS corações dos homens ficam sempre vestigios fortes das mulheres que elles amaram. São como essas toalhas de hotel, nas quaes os hospedes costumam enxugar as mãos, e que sempre estão ainda humidas do ultimo que as usou.

O rapaz de cinzento fez a phrase e esperou o effeito nos dois companheiros. O homem de "smoking" gostou. Deu uma palmada burgueza e pesada na coxa do rapaz de cinzento. O outro, o senhor de preto, sorriu. Só.

Tres dóses de bebidas differentes coloriam os copos sobre a mesa do bar barulhento.

O rapaz de cinzento falou ainda:

— Todos nós temos uma mulher dentro do coração. E' a mulher numero um. A que fica morando mais tempo na imaginação. E' a mulher de mãos sujas, que deixa marcas mais fortes nas toalhas dos corações... E' ella. Eu tambem tenho essa mulher dentro da minha vida. Vive na minha saudade Foi o meu primeiro amor. Amor puro, amor de intenções boas. Ella nunca me quiz bem. Talvez nem soubesse que eu gostava muito della. Nunca lhe disse...

E o rapaz de cinzento sorveu a bebida, com a timidez bôba dos adolecentes sinceros.

\+ + +

O homem de "smoking" falou depois:

— E' verdade. Eu tambem tenho na vida uma mulher. Uma mulher indispensavel como uma escova de dentes. Moro com ella num apartamento bonito. Ella é quem paga. Rica. Recebeu diversas heranças de diversos senhores, que, inexplicavelmente, ainda não falleceram... Eu resisto, mas — que boa criatura! — ella faz questão de presentear-me tudo o que preciso. Ella me dá "smoking", camisa de seda, relogio de ouro...

Não é deste mundo, a minha Clô!

E o homem de "smoking" tomou a bebida, com a elegancia malandra das pessoas modernas.

\+ + +

O senhor de preto falou tambem:

— Pois é. Essa mulher é inevitavel na vida de todo homem. Eu tambem tenho na minha vida a mulher numero um. Chegou e foi tomando conta, desde logo, da minha existencia. Vivo sómente para ella. Vivo trabalhando para poder pagar as contas da Light, do açougueiro, do armazem, do aluguel da casa. E' a mulher que faz parte da minha vida.

A minha legitima mulher, sob as leis divinas e as leis humanas. Infelizmente, meus amigos...

E o senhor de preto engulių a bebida com a resignação cançada das criaturas predestinadas...

\+ + +

Esta fabula tem a sua moralidade, apesar do Sr. La Fontaine e do Sr. Esopo:

"Todos nós já fomos rapazes de cinzento.

Quasi todos, homens de "smoking".

Mas, nem todos fomos senhores de preto".

Graças a Deus... O preto é uma côr muito triste, muito séria. E, além disso, completamente fóra de moda.

A Dama das Camelias

FERNANDO PERIQUET

MEU avô, que compensava a falta de inclinações artisticas com seu maravilhoso espirito observador, referiu-me, sendo eu quasi menino, que, numa das suas viagens commerciaes á Paris, por volta do outomno de 1849, um anno após a publicação da "Dama das Camelias", não se poude livrar de visitar, em Todos os Santos, o tumulo da famosa peccadora. Mas, não o conseguiu vêr, porque uma montanha de flôres o cobria.

Um periodico francez, da epoca, fixa em 30.000 o numero de visitantes que, naquelle dia, depositaram, sobre o marmore notavel, sua romantica offerenda.

Assim a qualifico, não em seus aspectos philosophicos ou artisticos, senão no sentimental, porque, afóra as mil e uma definições que, desde Madame de Stael, na epoca, se applicaram á escola litteraria, o grande publico funde e fundirá numa mesma significação as palavras "amor" e "romantismo."

Quando, meio seculo depois, cheguei, adolescente e sonhador, á Paris, pela primeira vez, corri, na Commemoração dos Mortos, ao cemiterio de Montmartre. Debalde, porém porque uma multidão de flôres cobria a pedra funeraria, como nos tempos do meu avô.

Só muitos annos mais tarde, em plena guerra, certa manhã de um brando sol de estio, logrei ver o modesto sarcophago, branco e luzindo como acabado de construir. Não lhe faltavam flôres; antes havia dellas na copa que remata o pequeno monumento rectangular, em vasos sobre a cornija do pedestal e nos quatro adornos salientes. A lembrança dessa mulher perdura, pois ainda, no coração dos parisienses, como nos primeiros tempos. A parede visinha ostenta uma pequena taboleta que adverte, em lettras brancas gravadas em fundo negro, a prohibição de se escrever sobre a tumba. Até ha bem pouco tempo era preciso que se lavasse o monumento diariamente, para apagar as impressões que a inquietude da alma humana, diariamente, deixava no marmore da sepultura.

Foi-se além. Entre os annos 1870 e 1880, um grupo de apaixonados, mulheres e homens, conseguiu vencer todos os obstaculos que as leis e regulamentos lhes antepunham, para violar a tranquilidade do tumulo. Quasi nada encontraram... A Natureza havia cumprido o axioma da materia e, transcorrido o tempo da transformação nauseabunda, alguns ossos, alvos como o marfim, e varias taboas retorcidas enchiam a tumba. Mas, qual se o deus dos sonhadores quizesse perpetuar a lembrança da mulher, appareceu, entre aquelles despojos, um pequeno sapato, limpo e bem conservado quanto o tempo e o logar permettiam. Um esforço titanico de prudencia evitou que a "reliquia" desapperecesse dali, naquelle mesmo instante. E as mulheres lacrimosas com seus companheiros melancolicos, deixaram o campo santo, em direcção á primeira luz do dia, sem consummarem seu romantico delito.

Muito embora sem attingir ás raias do exaggero, a mulher parisiense mantem-se fervorosa no culto á desventurada peccadora. Ao subir a costa de Caulaincourt, caminho do cerro montmartreano, operarias, modelos, artistas e mulheres da vida airada voltam, irresistivelmente, os olhos para a direita, desde o alto do viaducto que atravessa o cemiterio, em busca daquelle novelesco retiro. Nada vêm: a vegetação impede-o. Nenhuma parisiense, entretanto, aos quinze annos, ignora que naquelle jardim solitario está "ella", a heroina de um amor que foi breve como a vida das flôres. Poucas conhecem a verdadeira historia; algumas hesitariam em lhe dar credito, porém todas, de memoria recitariam a novella.

O tumulo é pouco explicito. Sua inscripção lateral diz:

Ici repouse
Alphonsine Plessis
née le 15 Janvier 1824
decedée le 5 Fevrier 1847
De profundis.

Não é muito. Vinte e tres annos, entretanto, de amor e soffrimento, que as duas datas evocam, são sufficientes para elevar o espirito de quem leia o epitaphio.

Consta que os autores da sepultura jamais pensaram em exteriorisar, faustosamente, seus sentimentos. Na verdade contavam com bem parcos meios (poetas e novellistas!), mas não foi este o motivo que reduziu a seus modestos limites as dimensões da construcção. Mede, apenas, dois metros de comprimento e altura, por um de largura. Morava com o triste amante e seus intimos o fundado temor de que alguem intentasse compartilhar com aquelle corpo alabastrino do somno eterno, sob a mesma lousa. Por essa razão, o amor enclausurou os queridos restos no menor espaço possivel.

Quanto ao epitaphio, ninguem conhecia, em Paris, a morta, senão por Maria Duplessis. Para a inscripção se fez preciso trazer, de uma recondita aldeia da Normandia, documentos, informações, testemunhos... E teve-se que sujeitar á verdade: a preciosa creatura chamava-se Alfonsina Plessis.

Normandia dá-nos a impressão de uma raça musculosa, herculea, formidavel. Não era assim a "Dama das Camelias." A estatura (e seu tumulo prova-o á sociedade) não excedia de um metro e meio. Era delgada, mas não angulosa, e tão harmonica de proporções que, só e á distancia, parecia alta. Janin Casades, Richard, o proprio Dumas, descreveram seu rosto. Delle não ficou nenhuma reproducção. Como se todas as circumstancias se houvessem congregado para eternisar o mysterio da sua formosura, della não existe nem um retrato, nem um busto ou um Daguerre. Quantos a conheceram são accordes em declarar que era alva como a açucena, de rosto oval, nariz pequeno e perfeito, olhos escuros e em recorte de amendoa, cabelleira azulina e bocca correctissima com os dentes assombrosamente nacarados. Attribuem-lhe esta phrase: "A mentira branqueia os dentes."

Seria uma aventura falar da sua alma. Seu mais documentado analysta — Alexandre Dumas, carece, por apaixonado, de autoridade para julgal-a. Nem na novella nem no drama "A Dama das Camelias", foi fiel em detalhal-a. Conforme disse Zola, occupando-se daquelle autor por occasião de seu ingresso na Academia Franceza, em ambas as producções não apparece typo algum traçado com firmeza. O proprio Dumas confessa que muitas scenas de sua obra são puras fabulas. De outra parte, diga o que disser o admiravel imaginador, não existe em "Manon Lescaut" outro ponto de contacto com Margarida Gauthier (nome litterario de Alfonsine Plessis) senão o amor venal. Manon entretanto, consciente ou inconsciente, commetteu villanias. Alfonsina nunca foi impiedosa, mercantil ou egoista. Sua propria frivolidade não era leviandade, senão effeito da enfermidade mental que soffria desde sua chegada á Paris; tédio, aborrecimento, enervamento, em sua exacta accepção latina.

Sem cultura alguma, posto que arrebatadora na conversação, nada fez por conseguir aquella. E, posta de lado sua formosura, deveu o triumpho a seu admiravel instincto artistico e á sua tambem natural assimilação do bom gosto. Ao coutrario de certas pessoas predispostas a toda a sorte de corrupção, Alfonsina só vivia pâra o bello, o original.

Viu-se longe do seu misero lar, no campo, por folgazã e "coquette", e chegou á capital franceza com os recursos indis-

ensaveis á sua alimentação por poucos dias. Sua desventura fêl-a encontrar asylo e trabalho em um "atelier" de "lingerie" da rua Saint Jacques, em pleno bairro latino. Occorria isto em 1839, quando Alfonsina acaba de completar quinze annos.

Em breve tempo viu-se solicitada por um pintor que a apresentou a seus amigos, e, durante alguns mezes, foi a "grissette" alegre e desordenada descripta por Paulo de Kock e por Gavarni. O "quartier" inteiro a conhecia, poetas, musicos, pintores e estudantes se disputaram, sem grande resistencia da parte della, os favores da linda rapariga. Na popular pensão "Bailly", ultima casa da rua de L'Estrapade, ella conviveu com aquelles rapazes que se chamaram Feuillet, Nerval, Lecomte de Lisle e Baudelaire, já excentrico e desequilibrado. Tambem a cabecinha do insigne Balzac serviu de alvo ás brincadeiras da desenvoltada aldeiãzita.

Naquelle meio, as faculdades assimilladoras de Alfonsina começaram seu trabalho de polimento.

Paris, nem de longe, era a actual capital de quatro milhões de almas. A mocidade de seu mundo artistico constituia um reduzido agrupamento. Todos se conheciam e o espirito romantico, como perfume sobrenatural, chegava aos mais reconditos logares. Béranger, já velho, seguia, entoando canções, ao braço de alegres companheiras; Victor Hugo, esculpia estrophes arrebatadoras; Aurora Dupin fumava e envergava vestes masculinas; Musset gemia em rimas cheias, impressionantes; Lamartine era um deus; Chateaubriand, um idolo... Em tal ambiente, e com aquelles companheiros joviaes, a linda cabecinha ôca se foi enchendo de ancias e tristeza inexplicaveis, sem que por isso abandonasse o caminho dos ruidosos prazeres. Um grande da epoca que intentou conquistal-a, já iniciados em Alfonsina os symptomas de seu implacavel mal, conseguiu que ella recebesse suas joias, vestidos, pelles e viagens...

Nas aguas medicinaes de Spa, conheceu-a pouco depois o mais interessante dos seus protectores: um diplomata russo, octogenario, surdo e apopletico, que, paternalmente, a installou no "Boulevard" da Magdalena, defronte do famoso templo que ainda não havia sido entregue ao culto. Já não existe aquelle edificio de aspecto severo, em cujos melhores compartimentos estabeleceu regiamente sua côrte a que em vida jamais foi conhecida por "Dama das Camelias." Chamou-a assim Dumas, ao escrever seu poema, por serem as flôres desse nome as favoritas de Alfonsina. O perfume das outras excitava horrivelmente os nervos da enferma.

Por aquelles tempos, ostentava ella escandalosas "toilettes", na "Grande Opera" antiga, nos "Italiennes", theatro de cathegoria superior ao citado, no "Palais Royal" e em quantos era admittido o "demi-monde."

Ao salão da "Dama das Camelias" tiham facil accesso os nomes conhecidos e ainda ignorados que allegassem fundas ancias de amor ou de gloria. Com raras excepções, Lizt entre ellas, nenhum dos seus contemporaneos figura na interminavel lista peccadora. Os que a encheram foram as gentes opulentas e insignificantes, sem relação artistica ou sentimental — individuos que não conheciam outras portas do elegante aposento senão as da fuga.

Neste salão foi apresentado, no inverno de 1844, um timido rapazinho, de aspecto infantil, estatura mediana, cabelleira annelada e castanha, nariz aquilino e bocca sensual, de nome já celebre nas lettras e nas armas. Acabava de completar vinte annos Alexandre Dumas e tal emoção sentiu ante a zombadora belleza de Alfonsina que renunciou vel-a novamente. Ella, segundo conta o interessado, nem siquer reteve seu nome na memoria. Apesar de tudo, o desenvolvimento de suas relações foi tão rapido quanto intenso. E' indubitavel, porém, que até depois de morta Alfonsina, não diminuiu o escrupulo amoroso que alentava o coração de Dumas. Com exactidão póde qualificar-se de amor retrospectivo, o seu. Foi mais aquem da tumba quando soffreu o enamorado algo semelhante ao remorso por aquella morte prematurada, posto que esperada.

O desconsolo prostrou-o. Amarissimas lagrimas sulcaram suas faces jovens, e até pensou no suicidio.

Naquellas angustiosas horas, allucinado, exhausto, physica e moralmente, sem recursos nem amigos carinhosos, longe de seu pae, mau conselheiro e frivolo camarada, relatou desde o leito de uma modestissima poussada de Saint Germain — de Laye —, a vinte e tres kilometros de Paris, a historia de seus vertiginosos amores. Foram quinze dias de febril labor, posto que de lenitivo á sua pena, e transbordadas sua paixão e sua fantasia exubçerante, nasceu a novella extraordinaria que vive sempre nova apesar de todos os anathemas.

Gravemente enferma, Alfonsina assistiu, no Palais Royal, o ultimo dia do anno de 1846, para nunca mais tornar a pisar as ruas de seu adorado Paris. E habituados a vel-a frequentemente com syncopes e ameaças de morte, seus amigos e creados pensaram que ella ainda estava longe do Implacavel. Dahi succeder que, num brumoso amanhecer de Fevereiro do anno seguinte, a admiravel peccadora cahisse inesperamente nas aguas eternas, abandonada de todos, sem uma só amiga a seu lado.

Na vespera pedira, conta seu antigo costume, flores de todas as especies, anciosa de novos perfumes...

Exprimi-me mal, ao falar do abandono. Seus creados encontraram-na estreitando entre as mãos um pequeno crucifixo. Sem duvida alcançou o que havia sobre um movel proximo. E não teve, pois, no supremo instante, senão um unico amigo, porém de qualidades insuperaveis.

O tumulo de Alfonsina Plessis, no cemiterio de Montmartre.

A MENINA era magrasinha, pallidasinna, carregava uma existencia de diminutivos.

Mas era sentimental como certos personagens de Knut Hansum.

No sentimentalismo se mostrava um superlativo escandaloso. Influencia daquelle primeiro namorado dos quatorze annos, poeta das folhas clandestinas, que lhe havia emprestado os romances iniciaes. De amor.

Aquelle jovem de pastinha bem brilhante, sapatos bem sujos, e aventuras heroico-sentimentaes de baixo do braço...

Depois a menina cresceu. Infelizmente cresceu mais pra cima do que pros lados. Resultado: as curvas pouco se evidenciaram, o corpo ficou sem os grandes attractivos e começou a passar desapercebido.

Era a meninasinha pallida que passeava eternamente só.

Uma vez ella descobrio o cinema. Por acaso. E desse dia em diante se convenceu de que o cinema era muito melhor que os seus tão gastos e repetidos romances. Não supportava as fitas esportivas do "farwest". Mas aquelles films de amor, aquelles lhe traziam a grande satisfação. Elles tinham, sobre os livros pra lêr, a vantagem dos livros pra vêr. A visão nitida. Perfeita. Facil. Porque, sempre que lia qualquer coisa, precisava construir pelo menos o scenario na imaginação. O banco rustico dos dôces idyllios. As tilias. O repuxosinho em torno do qual os cysnes brincavam. E isso não era nada facil. Sendo que o pedaço em que a duqueza, na melhor pagina do romance, beijava o principe feliz, lhe trazia grandes aborrecimentos. Não podia imaginar essa scena. Era peccado. Não imaginando, não via. O desgosto de perder o momento longamente esperado...

No cinema as facilidades gritavam. O banco rustico dos dôces idyllios, as tilias, o repuxo, os cysnes, tudo apparecia em preto e branco. E os heróes tambem. Muito mais bonitos do que no livro. E o momento do beijo não se perdia, o seu peito arfava nos tão citados suspiros de ventura... Não era mais obrigada a pensar. Não pensando, não peccava. Por mais que prestasse uma attenção exaggerada e estranha...

Passou a frequentar terrivelmente os cinemas.

Foi uma obsessão.

Um vicio.

Do seu coração, dos seus nervos, do seu cerebro, e de todo o seu corpo.

A meninasinha se prendia inteiramente e se integrava nos episodios do panno branco. Desfolhava rosas com a estrella sorridente. Desfolhava rosas com a estrella melancolica.

Passeava na baratinha creme, ella mesma dirigindo com as luvas de couro macio. Tinha um odio, um odio brutal proximo do amôr, como dizem os entendidos em mulheres, quando o millionario Bradford faltava ao encontro combinado. E, porque o odio era mesmo proximo do amôr, não duvidava em se lançar, assim que elle chegasse, nos seus robustos braços norte-americanos...

Era assim que vivia a meninasinha pallida e sentimental.

Já não comia quasi. Mas saboreava os canudos de sorvete que os namorados da edade della tomam em Coney Island...

Não usava mais sombrinhas. Queria era aquelle guarda sól branco, muito redondo e muito rendado, que a moça loura usava pra se defender dos calôres malcreados da Martinica...

Tambem não lia mais. Pra que? Se tudo estava alli, vivo, movel, até sonorizado...

Decididamente o cinema armava a sua grande felicidade. Todo o seu sentimentalismo se soltava na sala de projecção. E esticava durante. E encurtava outra vez, quando surgia a exclamação final da luz. Assim foi vivendo.

Houve uma fita, no emtanto, que lhe revolucionou a sensibilidade.

Como uma camponeza romantica fugisse pro Alaska em busca do amado, aquelle sacrificio lhe commoveu fundamente. Pouco a pouco ella foi se afastando da poltrona, tinha uma impressão incerta de estar correndo, parece que voava. Foi se afastando das coisas communs. E quando se vio já estava ao lado da camponeza do filme. Passo a passo. Não é mentira. Com uma trouxa de panno na ponta de um pau. As duas. Pelos caminhos mais tortuosos desta terra, subindo as rochas mais escarpadas que os "studios" americanos já construiram, descendo ladeiras incriveis, brancas, escorregadias...

Verdadeiro soffrimento, aquella viagem. Se houvesse um barometro elle havia de marcar doze graus abaixo de zero. Mas o que havia era muita neve. Muito gelo. Os flocos brancos batendo no rosto da meninasinha pallida como uma surra de parafina ralada...

Tempestade furiosa.

Frio invencivel que lhe arroxeava as mãos e os pézinnos cansados.

Doze graus abaixo de zero.

Que venceram a meninasinha carregada de diminutivos...

Uma lufada mais forte do vento gelado lhe trouxe uma dôr bem aqui, no lado direito do peito, pontada agudissima impossivel de supportar.

Só assim seria capaz de deixar o cinema. Deixou. Sahiu. Assustada. Triste. Na rua chovia chuva tropical. Puxou a gola do capote pra se proteger melhor e foi andando, andando inquieta.

(Termina no fim do numero)

O "vendedor de fructas"

No dia 5 de Dezembro, um vendedor de fructas, tentando salvar algumas creanças que voltavam da escola, foi mordido por um cachorro hydrophobo, em Catumby. Levado para a Santa Casa, lá morreu, depois de horriveis soffrimentos. Cecilia Meirelles escreveu então este

POEMA DO VENDEDOR DE FRUCTAS

"Em qualquer dos nossos jardins, qualquer dos nossos artistas podia elevar a lembrança bella de um homem que morreu por uma creança, num gesto que é todo um poema obscuro e tragico.

O homem que carregava a opulencia da terra desfez sua vida por uma creança que é tambem a mysteriosa opulencia do mundo...

Para que? Por que?

Oh! a sabedoria não está nas coisas que se podem explicar.

Mas a morte tem a sua expressão da sabedoria.

Por isso, sob a figura do vendedor de fructas, simples e bella como as figuras agrestes do paganismo, bastava que se escrevesse:

"Um homem assim morreu um dia para salvar uma creança...

E nenhuma creança esqueceria mais um homem assim..."

A linda idéa de Cecilia Meirelles vae ser realisada. Correia Dias já tem prompta a maquette do pequeno monumento ao Vendedor de Fructas, que será collocado no Passeio Publico.

FAHRION

Auto retrato

AMILCAR Bezzi Botelho tem cinco annos e já tem o primeiro anno de piano do Conservatorio de Porto Alegre.

REPORT

Inauguração da exposição medieval na Sociedade Pró-Arte

Junto da Estatua
Americanos e Bra
memoram o cen
George Was

Recepção aos barões de Reznick no Club Bodoque

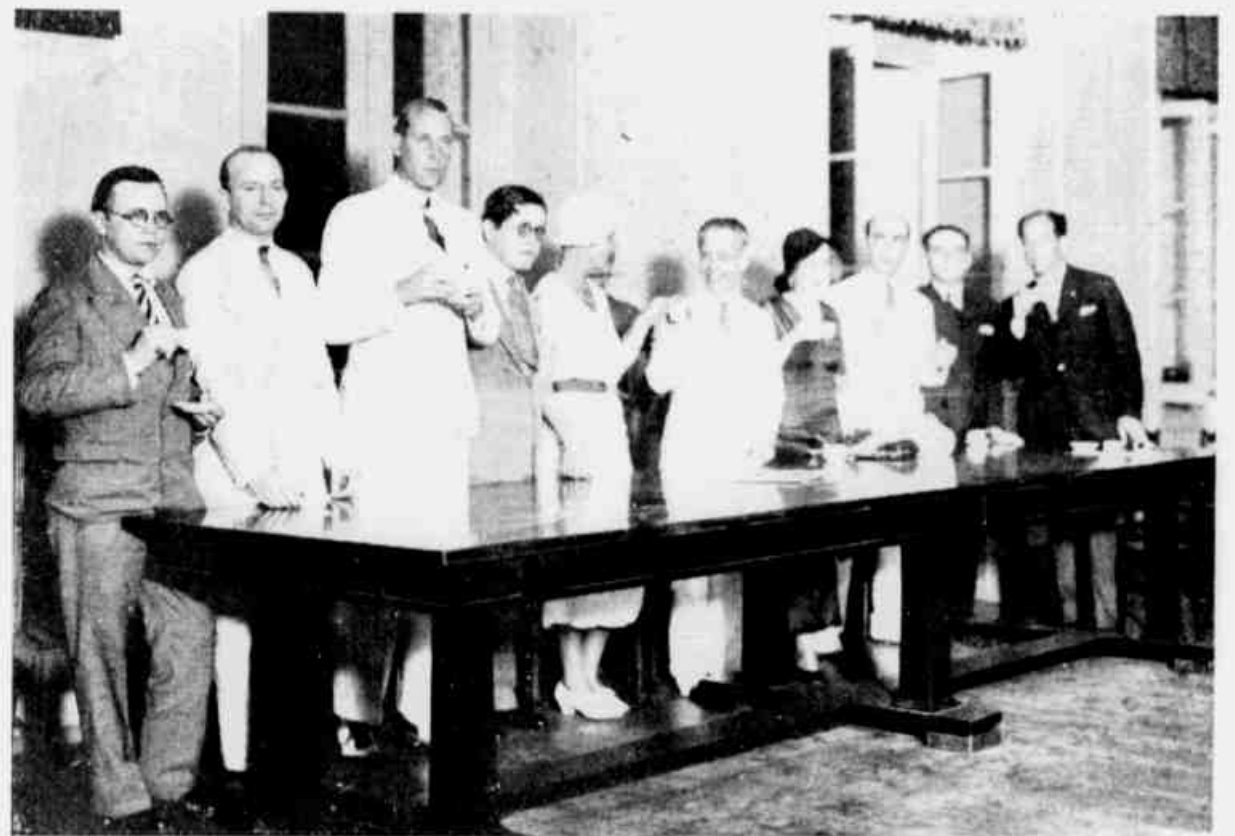
Entrega da espada do
ao se n
Aspirante Solo

No ultimo baile do America Football Club

TAGEM

ua da Amizade
Brasileiros com-
entenario de
ashington

do General Solon
neto
lon Ribeiro

Artistas que tomaram parte na festa pela igreja de N.ª S.ª do Brasil

Chá na Associação de Imprensa á Baroneza de Reznick

Na domingueira de 28 de Fevereiro no Praia das Fléxas Club

Entre os livros

O Sr. BERILLO NEVES — "A MULHER E O DIABO"

Quando acabei de ler o livro do Berillo Neves, eu conservava ainda um pouco do *humour* que ali aspirara. E fiquei reflectindo na sorte braba que fizera do moço amigo, uma das raras figuras de *conteurs* da minha geração. E como pensasse em que tinha de escrever sobre elle, o espirito foi subindo, e subindo, e subindo. Tambem eu, ás vezes, fico complicado, em que pese ao João Lyra Filho, que ás suas qualidades de critico n.º 1 da minha grey reune a de ser meu amigo. E já estava argumentando com a necessariedade do *humour*, e o conceito verdadeiro do *humour*, e a etnographia do *humour*, e a explicação spencereana do *humour*, e a nacionalização do *humour*, e a decadencia do *humour*, e outras coisas mais chicharras e complicadas sobre o *humour*, que é a coisa mais espontanea e menos complicada do mundo, quando cahi em mim que apenas os contos do Berillo Neves eram deliciosos, e tinham espirito, o que era raro. E tinham personalidade, o que era rarissimo. E isso logo me satisfez, e me alegrou.

Eu não sei que quereria mais, que achar tão de repente e tão sem querer, como se não se tratasse da quadratura do circulo, o exacto qualificativo para um livro daquelles.

Mas horas antes, em longo tempo, mergulhára numa enrascada traducção do terrivel Apuleio. E demais não é só assim que se perde uma dissertaçãosinha erudita. E, insensivelmente, eu fui vendo que o Tartaro tremendo de Virgilio já ali se suavizara, até chegar a ser hoje um reino em crise, ameaçado de explosões demagogicas, e mal chegando o seu rei a assustar Stephen Dedalus de Joyce.

Não houve meditação mais temerosa que essa, porque, por mais que a ella me aferrasse, não havia encontrar desculpa para a injusta, systematica e opiniosa campanha que se move contra o Sr. Diabo.

Elle foi temidissimo. E não eram faceis de encontrar as causas da decadencia, que viera, irremediavel, e que se executára sem piedade.

Quem primeiro me fez ver a luz nas trevas, "lucem in tenebris", foi um inglez. Chamava-se Disraeli, *lord of Beasconfield*. Hoje, no outro mundo, não deve ter outro nome, nem outro titulo. Nos mausoléus, pelo menos, a differença continúa. Esta chronica não é funebre, entretanto. Esse lord Beasconfield não é um homem que se possa lamentar, porque elle era terrivel e bom. Extraordinario. Tinha *humour*, tinha satyra, tinha genio. Foi elle que me mostrou o diabo amando. Estava ali o começo.

O fim do fim encontrei-o eu no Berillo. Não que elle se pareça com o Beasconfield, que não usava oculos. Mas é que elle, em meio do grande e risonho desengano dos seus contos, alguns tem que eu creio que o Eça não relutaria em assignar. E nelles, e isso é terrivel, o diabo está com ciumes da mulher. E' terrivel, porque o Berillo tem talento. Tem talento e tem cultura. Talento e cultura ás carradas. Mas disfarçada a cultura com a ironia. Mas é demais. Se o diabo o pega, era uma pisa só. O que vale é que o Berillo poderia responder ao Belzebuth amargo, dono das legiões e tenente remodelador do paiz em que Aristophanes assistira á eleição para principe da tragedia grega:

— *Paciencia, ó rapaz: mais soffreu Christo.*

E se o mistér exigisse explicações, (porque o Diabo deve ser inglez: não sei porque, mas deve ser inglez), o Berillo podia, positivamente, explicar que a campanha contra elle era de gente bôa, e que dava a elle a gloria de ter suggerido á mulher o que ha de mais humano no homem, que é o ciume, e que ha de mais divino na mulher, que é o amor...

E lhe podia apontar o Luis Martins, que faz o "homem que se diverte", brincar de rival com o excellente e inoffensivo Mister Diabo, a quem a mulher nem de longe dá confiança.

Coitado do diabo...

Ella gosta delle mas não é muito, não...

Odylo Costa, filho

"HYMNARIO DO DISTRICTO FEDERAL" — PLINIO DE BRITTO

O Sr. Plinio de Britto organizou essa collectanea com intuitos meramente didacticos.

Encontrou um collaborador valioso, o Sr. Domingos Magarinos, autor de quasi todas as letras que acompanham as musicas do Sr. Plinio.

Apresentando ao publico a collectanea, dizem os editores:

"A concordia, que deve unir as nações, ou a fraternidade, que precisa ligar os homens, a paz e a solidariedade humana, são didacticamente exaltados.

A musica, perfeitamente adequada ao genero, não ultrapassa o necessario limite. Seu autor, que tem estudos especiaes sobre o assumpto, conseguiu cumprir com fidelidade o plano traçado.

Dando publicidade ao "HYMNARIO DO DISTRICTO FEDERAL", temos a convicção de que prestamos real serviço aos professores e alumnos das escolas do paiz".

L. M.

Jantar a fantasia no Rio Cricket Club.

Na festa de arte do Icarahy Balneario Hotel.

"Violette"

Pierre R. Piller.

PARÀ nós, um filho já era bastante, lutavamos muito para o criar. Não desejavamos outros emquanto a nossa situação fosse tão má. Mas, embora as precauções, Mathilde esperava o seu segundo filho.

Tive um pouco de medo. Os mezes corriam e a minha situação financeira peorava. No principio eu tinha trabalho, e repellimos as suggestões de uma amiga que se offereceu para nos desembaraçar, gratuitamente, das responsalidades futuras. Esperava poder continuar na officina. Mas não ! despediram-me um sabbado; e de novo percorri em todos os sentidos as ruas de Buenos Ayres, indo em vão, de officina em officina, em busca de trabalho.

Ha lá um grande numero de "sem trabalho". Ha muita miseria. De noite, nas ruas, vêem-se homens e crianças dormindo junto das portas, estendidos nas calçadas. Não são mendigos profissionaes, não são vagabundos. São operarios sem abrigo.

De manhã lia os annuncios dos jornaes. Numa officina pediam um envernizador para moveis. A's oito menos dez, cheguei á porta da officina. Encontrei outros que já esperavam ha muito tempo.

A officina se abriu ás oito horas. O patrão não precisava de ninguem. Estava servido. Partimos, cada um para seu lado, pouco fraternaes na desillusão.

Procurar trabalho não é facil nessa cidade enorme. Si se tem um peso, póde-se comprar meio kilo de pão, ou azeite, ou ovos, ou carvão, ou leite, ou batatas. Mas si se vae procurar trabalho, é preciso guardar o peso, para comprar o jornal onde publicam os annuncios, para tomar conducção afim de chegar cedo, mas sempre se chega tarde. Pois descobri que ás quatro horas da manhã, muitos "sem trabalho" esperam na porta da typographia a sahida dos jornaes para lêrem os annuncios, e que ás cinco horas se apresentam nas officinas que só abrem ás oito. Despertam os patrões e se contractam antes da chegada de outros.

Para percorrer Buenos Ayres em todos os sentidos, para tomar, á meianoite, café com leite, pão e manteiga, é preciso um pouco de dinheiro. E si eu levasse dinheiro commigo, Mathilde não comeria.

Seis, sete, oito mezes se passaram. Temia que a criança que ia nascer tivesse uma constituição muito fraca para poder viver. Mathilde pesava quarenta e tres kilos e estava muito anemica.

Escreveram-me de Rosario, dizendo que havia trabalho para mim. Parti. Os salarios são menores do que em Buenos Ayres, mas o trabalho é mais garantido, affirmam. Entrei para uma officina onde me pagavam seis pesos por dia. O operario que servia de contramestre, quando se ensinava algum novo, me fazia trabalhar de um modo que me impedia de envernizar bem os moveis. Era uma tactica muito commum. Tinha por fim deixar o recem-chegado em situação de permanente inferioridade, de fórma que elle não pudesse tomar o logar do outro. Ah ! a luta pela vida !

Procurei um quarto, mandei chamar Mathilde. Alugamos um quarto em casa de um casal italiano. Muito boa gente que nos estima e que nós estimamos.

Alguns dias depois fico de novo sem trabalho. Procuro por todas as officinas.

Dois dias de trabalho numa, tres noutra. E oito dias de intervallo sem nada fazer. Chegou o momento. Era preciso que Mathilde fosse para o hospital como da primeira vez. Uma noite sentiu-se mal. Pedi emprestado dez pesos para conduzil-a de automovel. Corri ao centro da cidade, apanhei um auto, levei a minha companheira. Uma enfermeira recebeu-a, accommodou-a numa sala. De volta para casa vi que perdêra cinco pesos...

No dia seguinte voltei ao hospital. Nascêra a criança. Uma menina. Mathilde me annunciou, sorrindo o seu sorriso franco de hespanhola.

Olhei a minha filha. Gustavo era maior quando nasceu. Apprehensivo, confessei isso á Mathilde. Ella não achava que eu tivesse razão. Ella só via que a menina era bonita.

— Parece uma medalha...

— Que nome vamos botar nella ?

Eu já tinha um nome. Escolhera entre muitos outros. Ella se chamaria Violette.

— Eu escolhi o nome do nosso filho, o da nossa filha és tu quem escolhe, me disse ella.

Ia vel-a duas vezes por semana no hospital; um hospital de indigentes bem pobre. As enfermeiras roubavam algodão umas das outras para cuidar dos doentes. Deixaram-na sahir no fim de doze dias.

E eu, de novo, sem trabalho. Um camarada, Peralta, fazia já tempo que me convidava para ir para Firmat, cidade situada a duzentos kilometros de Rosario, montar uma pequena escola independente. Promettia-me o apoio dos syndicatos da localidade.

Hesitava em partir. Mathilde temia a derrota, e geralmente ella prevê as nossas infelicidades com segurança. E fui para uma outra cidade, um pouco mais longe, trabalhar na descarga de saccos de trigo que são atirados sobre nós do alto de caminhões de rodas enor-

mes, puxados por dez ou doze cavallos: duas condições para rodarem nos caminhos que servem de estradas.

Verdadeiro trabalho de forçado. Os homens que se dedicam a elle são muito fortes, com musculos que parecem cordas. Embora já me tivesse occupado com trabalhos muito pesados, não me foi possivel resistir a esse. Tinha que caminhar com o sacco ás costas pelos depositos installados no caes da estação, subir nos que já estavam amontoados em escada até o tecto de zinco galvanizado, ajoelhar para deixar cahir o sacco no seu logar, ao lado dos outros. A' noite, tinha a orelha deslocada porque não estava habituado a receber uma carga de tamanha altura, e as minhas costas não são muito largas. E o homem do caminhão, de proposito, atirava-os de muito alto. Aliás, é costume nesse trabalho. Ainda uma fórma de eliminar os concurrentes... ou simplesmente de se divertir.

Durante as duas ultimas horas, as minhas pernas se dobravam quando eu escalava os saccos empilhados. Não, não podia mais. Voltei a Rosario, passando por Firmat.

Violette ia bem, mas Mathilde tinha pouco leite. Gustavo se arrastava de quatro, levantava-se, agarrando-se ao berço e o balançava para adormecer a irmã. Elle tomára o habito de comer a terra dos potes de flores, e era preciso sempre vigial-o, pois ainda não estava bom da gastroenterite.

A situação se aggravou. Peralta ia seguido ao mercado central vender ovos, gallinhas e frangos que comprava dos camponezes. Um dia nos levava uns ovos, outro, uma franga. E voltou á carga para que partissemos com elle. Afinal, decidimos que sim. Mettemos os quatro moveis numa carroça que os conduziu á estação

Em Firmat as coisas não estavam tão boas como nos haviam dito. E emquanto as preparavam, tivemos que ir viver em casa de Diaz.

Diaz é um padeiro que se fez professor na roça. Na immensa extensão desse territorio apenas povoado, ha casas, habitadas por camponezes, muito afastadas das aldeias para que as crianças possam frequentar as escolas officiaes. Por isso, fundam-se escolas em pleno campo, a maioria em telheiros de zinco, onde se empilham saccos de trigo, e onde dez, quinze, vinte crianças de todas as idades, tremem de frio no inverno e suffocam de calor no verão.

Vão em geral de pés nus, pela lama ou pela poeira. Quando moram muito longe vão a cavallo.

Diaz habita uma especie de barracão, de quatro metros por dois e cincoenta. As paredes de tijolos, o chão de terra, o tecto de zinco galvanizado. Fixaram em torno grossos fios de ferro presos á estacas, com receio de que o vento do Pampa o carregasse num dia de tempestade.

Fomos viver com elle no barracão. As nossas duas camas se tocavam. Elle tem mulher e uma filha. Eramos sete, em dez metros quadrados. Felizmente podiamos comer na mesa da escola e cozinhar á parte.

Assim se passou um mez. Não era possivel organizar a escola. Eu ia seguido me informar na aldeia, a doze kilometros, utilizando uma jumenta que Diaz comprou com grandes sacrificios e uma pequena carruagem de duas rodas, e dois logares, que chamam de "sulky".

Violette se desenvolvia, tornava-se bonita, bronzeada pelo ar livre que sopra continuamente naquella terra onde vento não encontra obstaculos. Gustavo sempre comendo terra. Tinha uma disenteria terrivel, com sangue. Certos dias a febre subia a trinta e oito graus e meio. Não tinhamos dinheiro para ir ao medico pois, como quasi todos os professores, Diaz vivia miseravelmente.

O tempo passava. Mais um mez. Não se arranjava nada, e não havia nem um vintem para tornar a partir. Eu ajudava Diaz na escola, substituia-o emquanto elle ia trabalhar nas colheitas. Violette cada dia ficava mais bonita. Os olhos côr de pervinca. Sorria quando se falava com ella. Mathilde não tinha leite sufficiente para a alimentar, e davalhe alternativamente o seio e a mamadeira.

Um dia a pequena apparecera com disenteria. E vomitava. Pensamos que era uma indigestão. Demos um gurgativo. A disenteria augmentou. Tinha febre; trinta e nove graus. De noite não dormia. O berço sempre ao lado da nossa cama. Mathilde balançava-o para que ella dormisse mas não adiantava nada.

Dois dias se passaram. A disenteria não cedia, nem os vomitos, nem a febre. Punhamos compressas de alcool sobre o estomago e sobre o ventre da nossa Violette, empregavamos os remedios usados no logar, nos casos de desarranjos benignos. No terceiro dia ella não estava melhor.

A' tarde, approximei-me do berço para vel-a. Haviamos aberto sobre elle um véo para protegel-a dos mosquitos. Ella olhou-me com uma fixidez profunda que me surprehendeu, e que eu não comprehendi; entretanto, tinha uma significação!

Mais tarde comprehendi que era o olhar da morte.

Ella emagrecia muito e era preciso um medico. Mas com que o pagariamos? Com que comprariamos os remedios?

Só no ultimo momento decidimos ir a um medico. Aqui os medicos são muito caros. Dez pesos por uma visita,

quando o salario medio de um operario é de tres pesos por dia no campo e quatro pesos nas cidades.

Mas eu não sabia, eu não podia adivinhar...

Violette não sorria mais, não queria nenhum alimento. De tempos em tempos gritava, um grito do qual eu não comprehendo a importancia, pois duvido ainda da verdade. No quarto dia á noite, nós lhe demos um pouco de agua de Vichy. A disenteria se accentuou. Os traços de Violette mudavam. A filha do dono da granja onde habitava Diaz se assustou vendo-a. Respondi-lhe quasi colerico.

Eu achava que ella ficaria boa. Mas emmagrecia muito rapidamente. Era preciso procurar um medico, Diaz não tinha dinheiro e sabiamos que elle não gostava que eu occupasse a jumenta, por ser muito velha. Peralta poderia talvez nos emprestar ou nos dar dez pesos. Mas já gastára para nos mandar buscar em Rosario, e bem viamos que, embora as apparencias, elle tem o coração duro. Então? Então era preciso esperar; no sexto dia á noite, Violette guardou um pouco de leite. Geralmente ella vomitava os alimentos no fim de alguns minutos. Passou-se meia hora, uma hora, uma hora e meia.

Estava salva! Fiquei contente, ri. Chorei. Chorei de alegria porque Violette estava melhor, e tambem porque eu, com os meus trinta e um annos, toda a minha mocidade e a minha vontade de trabalhar, não podia fazer nada para defender a vida da minha filha, porque os meus braços moviam-se no vacuo, porque não encontrava um meio da minha filha não soffrer mais.

Ah! os que chamam a isso ordem social, deviam ser condemnados a conhecer essas situações. Mas ainda era necessario que tivessem uma sensibilidade humana que não têm.

Dormi uma hora, Mathilde me despertou.

— A pequena está com muita febre.

Saltei da cama, accendi a vela, olhei-a. Ella punha para fóra uma lingua quasi preta, secca. Queria beber.

Comprehendi que estava perida. Puzemos o thermometro. Trinta e nove e meio. Gritava, um grito que, dia e noite, ella não parava de dar, havia tres dias.

Fui accender o fogo, preparar um banho. Diaz e a mulher se levantaram, Mathilde, com a criança nos braços, chorava, — ella tão forte, mais forte do que eu.

Diaz e eu, fomos atrelar o "sulky", para irmos em busca do medico.

Era mais ou menos uma hora da madrugada. Vestimos a criança, a envolvemos num chale, atirei outro nas costas de Mathilde, e partimos, ella carregando a nossa filha, eu chicoteando a jumenta.

Depois de uma hora de viagem chegamos á casa de Peralta. Batemos, por fim elle despertou, e perguntou quem batia.

— Sou eu, Peralta, abre depressa.

— Que é que ha?

Abriu, de lanterna na mão.

— A pequena está doente, é preciso irmos a um medico.

Elle fez algumas objecções e terminou por guardar silencio. Era elle quem tinha que pagar e eu via que não se decidia.

— Mas é preciso esperar um pouco, não ha assim tanta pressa.

— A pequena está morrendo, Peralta, olhe.

Terminou por ceder. Sim, foi preciso que a creança entrasse em agonia para elle se decidir. Essas coisas não o commoviam. Deixára na Hespanha a mulher com cinco filhos.

E acabamos indo ao medico Eram cinco horas da manhã.

— Por que esperaram tanto para vir?

— Não podiamos, doutor.

Elle levantou a cabeça, examinou-a, olhou o liquido amarellado que queimava as coxas.

— Bem, faremos o que pudermos.

Comprehendi o que essas palavras significavam.

— O doutor acha que a podemos salvar?

— Não posso responder. E' uma molestia que se precisa tratar desde o primeiro dia...

— Que é?

— E' uma gastro-enterite e colicas.

Eu bem via que a minha pequena estava perdida.

Voltámos para casa de Peralta.

Eis, até onde chegaram as minhas vicissitudes desde que vim para a Argentina!

— Ora, ora, me disse Peralta. Que a tua mulher chore, está bem, mas tu?

Elle pensa que quem é revulicionario não deve chorar a morte de um filho.

O medico nos dera uma receita. Tinha que de novo pedir dinheiro a Peralta!

Cuidamos da pequena. Ella cessou, pouco a pouco, de gritar. Mas a febre subiu. Ao meio dia, teve uma especie de ataque. Passei-lhe no corpo uma toalha molhada em agua e vinagre aromatico. Ficámos com ella na varanda, onde estava mais fresco. Tinha quarenta graus de febre.

Mathilde deu-lhe lavagens com tanino e não sei que mais. Violette fechava os olhos de vez em quando, e parecia repousar. Receoso de que ella morresse assim, e para não a incommodar mui-

to saccudindo-a, eu batia palmas. Ella abria os olhos, olhava-nos, depois as palpebras desciam de novo quasi tranquillas, e eu ficava um pouco socegado.

A febre desceu. Estava com trinta e oito. Aconselharam-nos a arranjar uma mulher para lhe dar o seio, pois Mathilde não tinha mais leite. Encontrei uma. Mas a pobre creança não tinha força para chupar. Foi preciso comprar um apparelho para tirar o leite que ella em seguida tomava.

A febre continuou a descer, comecei a acreditar que ella se ia salvar...

Mas os olhos sempre fechados... Mathilde não queria mais que eu batesse palmas para os obrigar a abrir. Então dei-lhe uma colherinha de agua e vi com allivio que ella mexia os labios.

Fiquei cada vez mais optimista. Tinha apenas trinta e sete de temperatura. Mathilde olhou-a ansiosa e disse que ella ia morrer.

Entramos, pois, com o anoitecer, o tempo refrescára. Então a pequena abriu os olhos, olhou obliquamente para o angulo do tecto, e depois as palpebras não desceram mais...

Mathilde chamou por ella, falou-lhe. Ella não se moveu. E a mãe poz-se a soluçar, a soluçar, pedindo que lhe restituissem a filha.

Eu não acreditava ainda. Olhava-a, tocava-a, e sentia a sua testa tornar-se gelada.

Ah! a febre descêra porque ella morria, e não porque lhe voltasse a vida!

Tomaram a medida do corpo para comprar o caixão. Vizinhas chegavam, benziam-se, accendiam velas, traziam flores. Eu tinha apenas um peso. Era todo o meu dinheiro. Dei-o a uma menina para que comprasse flores. Outras mulheres vinham nos falar, nos consolar. Homens conhecidos vinham me encorajar.

E eu, pensava na minha filha que acabava de morrer, no meu filho ainda doente, as pernas dobrando a cada passo, em Mathilde que esse golpe ia enfraquecer mais, e perguntava a mim mesmo o que iriam passar. Ia perdel-os tambem, como perdêra a minha filha, si a nossa vida continuasse a mesma.

De noite, duas vizinhas velaram o corpo. Violette readquirira a sua expressão natural; os olhos estavam abertos porque eu me oppuzéra a que collocassem moedas, para os fechar.

— Deixem a pobrezinha dormir em paz, não ha moda na morte.

Como Violette estava linda com as flores que as mulheres lhe haviam arrumado em torno da cabeça!

No dia seguinte puzeram-na no caixão. Beijei pela ultima vez a sua testa fria e arqueada. E partimos em dois automoveis, emquanto as vizinhas consolavam Mathilde, que ficou, porque aqui não é costume as mulheres irem ao cemiterio, e porque eu preferia que ella não fosse.

A minha calma foi absoluta, até o instante em que vi o pequeno esquife descer para junto de um outro esquife tambem pequeno.

Levaram-me; felizmente havia um automovel.

No outro dia voltámas para a casa de Diaz. Eu queria montar a escola, mas não havia nada do que me fôra promettido. Peralta me emprestou dinheiro para alugar um quarto. Passámos oito dias com dez centavos. Esperavamos que os moradores da casa sahissem para o trabalho para irmos ao quintal roubar tomates. Foi esse o nosso unico alimento durante varios dias.

Mathilde, emmagrecia, Gustavo enfraquecia. Entrei em relações com o director da escola que me ouvira numa conferencia e me aprecia. Poz-se a procurar trabalho para mim e encontrou um burguez francez e explorou-lhe os sentimentos patrioticos. Esse francez mandou-me envernizar-lhe os moveis, e com o dinheiro ganho enviei Mathilde e Gustavo para a casa de Colas, meu bom amigo de Buenos Ayres. Devem dormir no chão. E no mesmo quarto, Colas dorme com a mulher e as duas filhas. Não ouso seguil-os, fico em Rosario, procurando trabalho não importa onde, não importa como, ou então...

Ou então..., a idéa me veiu ha muito tempo, nos momentos em que me faltava pão para os meus. E agora, me vem de novo. Bem sei que dentro de seis mezes, perderei a minha companheira e o meu filho. Estão muito fracos, muito abalados para resistirem longo tempo a essa provação que não acaba nunca. Perdi a minha Violetta, já é muito! é preciso salvar os dois outros, custe o que custar.

Custe o que custar, sim. Vou tentar tudo, tudo experimentar, mas não morrerão de fome. A idéa volta. Sim, farei, sim, roubarei, sim apanharei uma pistola para assaltar as pessoas na rua!... Vida por vida, antes a vida dos meus!... Já que fui tão covarde que deixei morrer a minha filha sem arriscar a vida para a salvar, não deixarei morrer agora a minha companheira e o meu filho. Juro pela memoria da que partiu...

Casamentos

Senhora Mario Protello
(Halley Trinsiolo)
(Photo Cerri - S. Paulo).

Mercedes Sanson
com Adherbal Stresser.
Curityba.

Sylvia
Coelho
Louzada
com
Tenente
Ivan
de
Albuquerque
Camara.
Rio.

Marceonilla Coelho Costa
com Americo Tavares de
Azevedo. Nictheroy.

Exaltação

Ida Souto Uchôa

Trago nos olhos a dormencia quieta das folhas mortas, das aguas paradas, dos silencios brancos...

Vive em mim a sombra nostalgica dos crepusculos doentes, porque meus olhos foram feitos de noites escuras...

Quando tu me vieste, minhas palpebras lembravam duas azas brancas, paradas, e meu olhar um vôo interrompido...

E eu tinha um halito de primavera e tu dizias que meu corpo cheirava a campo verde...

A vida, então, me beijou nos olhos, pondo todas as caricias nas minhas palpebras cheias da dormencia das folhas mortas, da serenidade das aguas paradas, da beatitude dos silencios brancos...

E com estas caricias eu puz no teu dia a radiosidade de meu beijo e a vida te acariciou de esplendor...

Então eu desejei que meus cabellos fossem louros para que nelles sentisses o sol, o sol em labaredas faulhando na minha cabeça...

E como tinha-os pretos como as sombras e como as amoras, quizera cobril-os de estrellas para que sentisses por um só fio delles todo o fulgor das noites constelladas antevendo clarões de madrugadas tropicaes...

E nos meus olhos que carregam a febre de todas as distancias, lê tu a biblia pagã do nosso amor...

Sente o rythmo de meu pensamento, as curvas de minhas idéas, o ondear de minhas palavras, meus vôos de imaginação...

Embala-te nos meus extases... E como a vida me beijou nos olhos, fica immovel um instante: recebe o baptismo sonoro da poesia pela castalia de minha mocidade, recebe em mim a radiosidade de todos os amores...

(Do livro "Alma de mulher").

Exercicios de gymnastica no Departamento Feminino do Fluminense F. C.

Na piscina da Fazenda S. Bento em S. Paulo

"Gauchita"

Desenho de Sotéro Cosme

**Senhorita Zézé Lara,
a linda cantadora de coisas do Brasil.**

**Senhorita Margaridinha Albuquerque
da Sociedade do Rio de Janeiro**

Plenitude

Waldemar de Vasconcellos

Esta tarde cahiu como cahe uma pluma,
ou uma folha de outomno, ou uma lagrima... Vinda
dos altos céos, assim descendo calma e linda,
esta tarde é mulher occulta pela bruma.

Ella beija na fronte os que pensam, ainda
no sonho que passou como passa uma espuma;
e lembra, com que dôr, esses contos: — Era uma
vez... — em que a vida morre e, emtanto, nunca finda...

Ella fala em segredo ás almas tristes... Ella
toda se entrega ás mãos que a querem! Neste enleio,
dando-se inteiramente aos que amam, se revela!

Quantos não quererão, junto della, sózinhos,
para sempre ficar, repousando em seu seio,
e não recomeçar nunca mais os caminhos...

**Senhorita Jerusa Basto, interprete
muito admirada de canções nacionaes**

Georges Milton, ou simplesmente o Milton, tão querido aqui desde aquella temporada de Copacabana, vae voltar breve ao Rio, não em carne e osso, mas em imagem, no film "O Rei dos Penetras", de Pathé — Natan.

C l i m a x

Sebastião Fernandes

George Brancrof, grande artista, porque andava sob a direção de Joseph von Sternberg. Vejam agora o que elle anda fazendo...

:: :: ::

Uma das grandes qualidades da PATRULHA DA MADRUGADA — não ter mulher...

:: :: ::

Ninguem sabe como o velhote Douglaspae póde manter agilidade. Typo de Mistinguett, Norma Talmadge ou Mary Pickford não têm careca, por isso custarão a envelhecer.

:: :: ::

LIMITE é tão excepcional que nenhum dono de cinema teve coragem de apresental-o. Uma obra prima: o publico não pagaria para ficar pensando...

:: :: ::

Foi uma scena desastrosa a bebedeira de John Gilbert em DESTINO DUM CAVALHEIRO. Em DESHONRADA Lew Cody representou melhor. Culpa do director?

:: :: ::

Quando o Lawrence Tibett canta, eu me lembro de Stan Laurel levando uma canelada...

:: :: ::

Franz Borzhage continúa fazendo seus poemas cinematographicos, esquecendo que os personagens tiram muito da poesia.

Clive Broock mesmo pintando o cabello é mais velho que o Lewis Stone.

:: :: ::

Publicidade...

Em todos os logares os filhos de Buster Keaton. E não ha coragem para retratar os bebês de Norma Shearer e Gloria Swanson!

:: :: ::

NOITES VIENNENSES: uma musica que todo moloque assobia. Todo o machinismo americano não poude fazer com a opereta o que os allemães criaram em SONHO DE VALSA e VALSA DO AMOR.

:: :: ::

Clarence Brown fez tudo para Greta Garbo em INSPIRAÇÃO disfarçar o fracasso de ANN CHRISTIE. A malvada Marie Dressler havia reduzido a sueca a frangalhos.

:: :: ::

Jackie Coogan voltou. Veiu mais crescido e com a preoccupação de historias infantis. Crianças e velhos gostam immensamente dessas tolices.

:: :: ::

Algumas *jeunes-filles* têm medo dos films de Marlene...

:: :: ::

Lewin Stone quando appareceu era velho. Ninguem mais estranhou os cabellos brancos. Mas quanto se nota a velhice de Ronald Colman!

:: :: ::

Gloria Swanson se resume em casamentos com marquezes e outras tolices de divorcios e vestidos caros. Occulta os filhos e outras bandalheiras e mostra lindas meias, mas de bons films, nada!

:: :: ::

Quando apparece um film brasileiro, os annuncios berram que precisamos de dar valor ao que é nosso. Que dizer que a fita não presta mas vamos por patriotismo. Arte terá patria?

:: :: ::

Ah! Chevalier, se você fosse bom actor como é cançonetista!

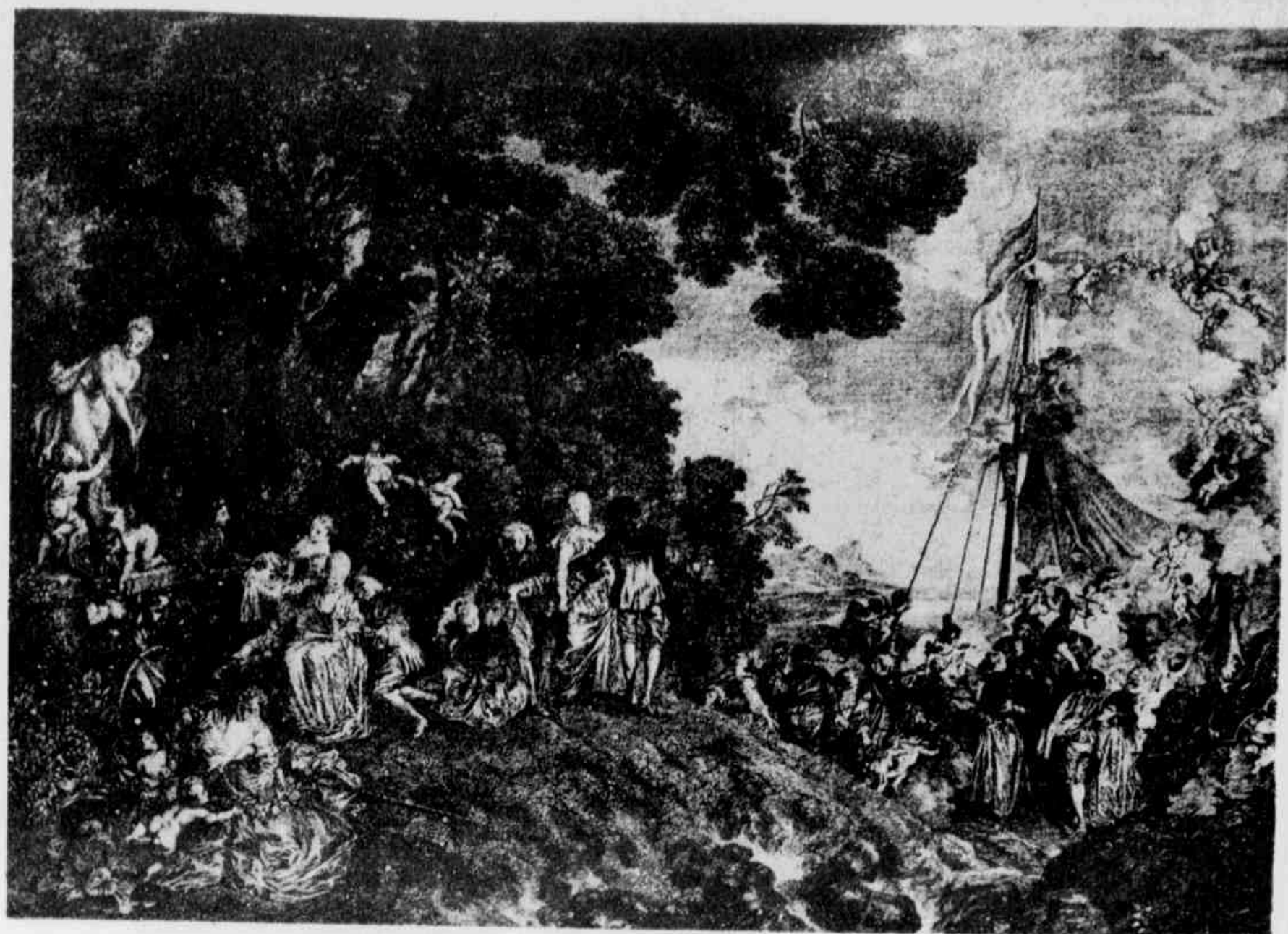
:: :: ::

Quando as fitas não prestam os emprezarios annunciam "espectaculo no qual tomam parte trezentas mil pessoas, duas mil bailárinas e outros comparsas". Essa gente pensa que muita bagunça é belleza.

:: :: ::

Todos os que viram ANJO AZUL sentiram que a columna vertebral de toda aquella obra prima era o traço de Heinrich Mann.

PINTURA

Dois Quadros de WATTEAU

L'EMBARQUEMENT POUR CYTHÈRE

L'ACCORDÉE DE VILLAGE

A "toile de soie" e o "tussor" dominam nestes dias de calor, tanto á beira-mar como na montanha. São tecidos que resistem maravilhosamente á lavagem e com elles se realizam interessantes modelos typo sport.

O que representa a arte em costura, neste momento, é a maneira pela qual os vestidos são trabalhados. Um talho perfeito adapta tão bem o tecido ao corpo, que, á primeira vista todos os modelos parecem simples.

Examinando-os, descobrimos detalhes que os complicam: confusão de recortes engastados uns nos outros, tiras applicadas em sentidos diversos, prégas minusculas, plissés, etc.

O extraordinario é conseguirem reunir tudo isso numa expressão de linha perfeita que não é mais do que o sabio simulacro da simplicidade combina-

Para confecção de qualquer modelo, procurem sedas nas Casas dos Tres Irmãos. Ouvidor, 134 e 160.

Modelo de Martial et Armand em crépe "Georgette" verde amendoa com guarnição de renda creme. — Vestido de Chanel em "taffetás" branco. — Velludo preto. Modelo de Goupy. — Renda ciré branca. Arrematando o decote, laço de "taffetás" verde. Modelo de Lelong.

das

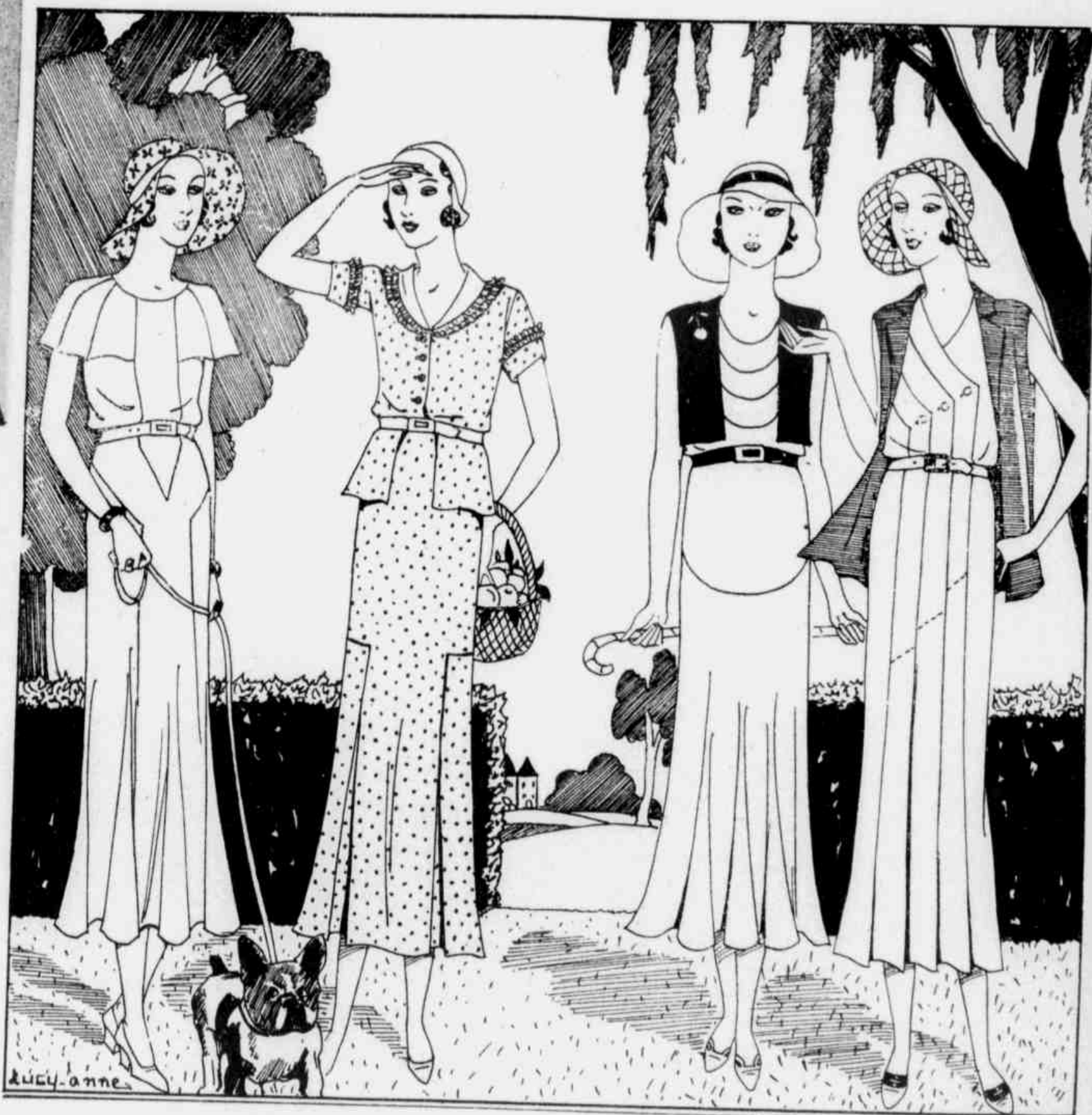
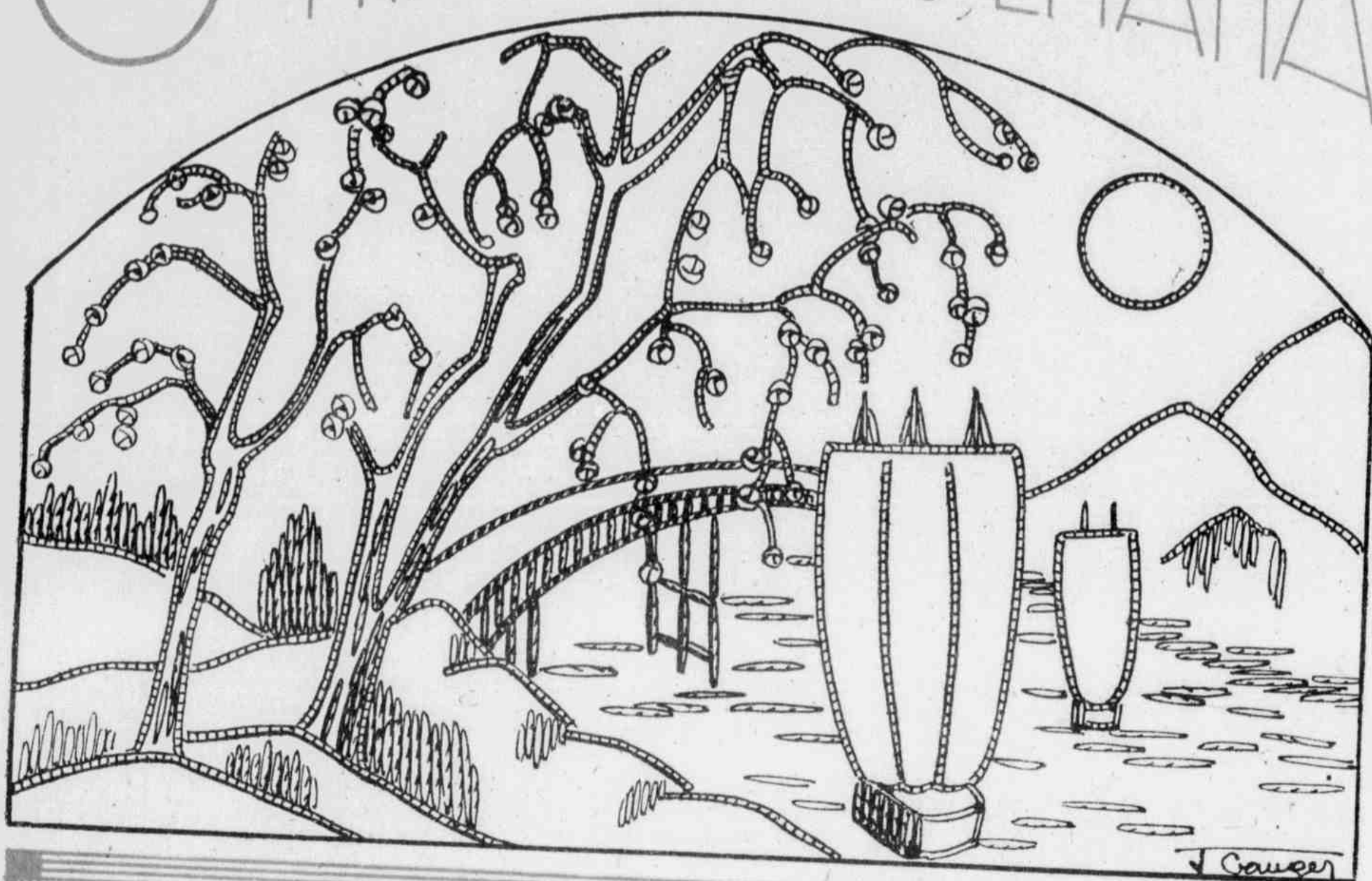
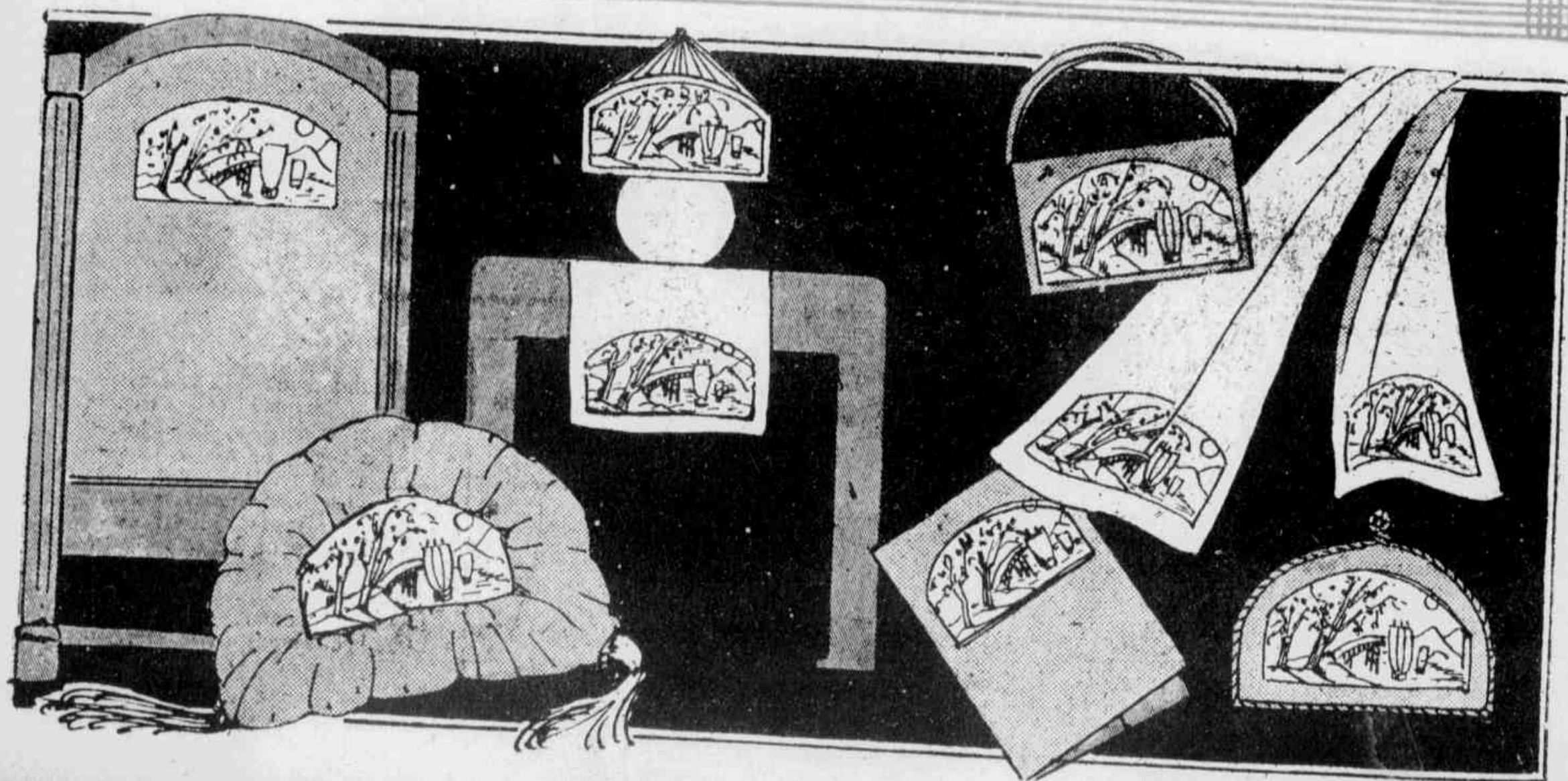
do com um tacto, de mãos de esculptor.

Os vestidos de *soirée* sempre muito longos. Mas cada costureiro apresenta a sua maneira pessoal de interpretar as saias compridas. Molyneux colloca a cintura bem alta, á maneira de Madame Recamier, e mostra as pernas em transparencia. Jean Patou encurta a saia na frente, afim de deixar os pés livres. Premet abusa dos babados e colloca longos "panneaux" soltos formando cauda. Jenny deixa sempre as saias 10 centimetros acima do chão, gosta de "panneaux" em fórma ou plissados como léques.

Quasi todos os vestidos de "soirée" se completam por uma "pelerine", uma pequena capa, ou uma "écharpe" que muitas vezes cobre até o cotovello. São executadas em renda de seda ou metalica, ou "mousseline lamée".

Tenham muitas guarnições dessas, que conseguirão variar o aspecto de um mesmo vestido sempre que quizerem.

Modelo de Schiaparelli. Crepe setim estampado branco vermelho e preto para a saia e o casaco. Blusa de crepe setim branco.

Quatro modelos para a montanha. O primeiro, em tussor branco; o segundo, em bordado inglez com golla e plissés de cambraia; o terceiro, em tussor branco com um pequeno bolero em tussor verde vivo; o quarto, tambem em tussor branco com casaco de tussor azul rei.

O TRABALHO da SEMANA

Uma paysagem japoneza estylisada e modernisada. A realisação do bordado não podia ser mais simples; mas, si as côres forem bem escolhidas, o effeito será magnifico. Este desenho serve para decorar uma infinidade de objectos além dos exemplos que apresentamos aqui.

NOSSA NUTRIÇÃO

AUGÚSTA S. MONTEIRO

Continuando o desenvolvimento desta secção, agora sob minha direcção, é meu dever de profissional trazer ao conhecimento dos leitores de "Para Todos"... o resumo do historico da Arte culinaria, vindo nos numeros seguintes dizer de sua importancia economica e social.

Darei conselhos regras e receitas para uma nutrição perfeita.

E' a Arte Culinaria a delicada tarefa de preparar os alimentos de fórma a tornal-os mais appetitosos e de facil digestão. Rudimentar como todas as artes, nas primitivas éras, foi atravez das épocas se aperfeiçoando a arte culinaria até attingir o grau de importancia que hoje lhe é conferido.

Da cosinha dos tempos heroicos dá nos Homero perfeita conta na Illiada e na Odysséa. Ella era então muito simples: grandes quartos de carnes assadas, e quando havia hospedes um porco inteiro de espeto constituiam uma refeição regular.

Com os povos da Asia, onde já se conheciam especiarias, aprenderam porém os gregos a condimentar e enfeitar suas iguarias. Os gregos transmittiram os seus conhecimentos aos romanos os quaes a tal ponto os souberam aproveitar que se fizeram, não sómente habeis cosinheiros como inegualaveis gastronomos. Desse tempo cita-se Luculos, cidadão romano de mesa a mais afamada entre os habitantes da lendaria Roma.

Supplantaram entretanto aos do gastronomos General, os celebres e sumptuosos festins dos imperadores romanos com os seus innumeraveis serviços em que figuravam todos os animaes da creação. Não obstante, alguns paizes começavam a se notabilizar pelas suas industrias de aves, caças, peixes, frutas e queijos contribuindo assim para o renascimento do gosto, que Rabelais procurou apurar ensinando meia centena de processos de preparar ovos. Um seculo depois, isto é, no seculo XVII foi que de facto mais progrediu a arte culinaria, entrando então na posse de seus maiores recursos á despeito de ainda ter excessiva a profusão de manjares levados á mesa. No reinado de Luiz XVI um banquete para 30 pessoas constava de 8 serviços de 25 á 30 pratos cada um! Essa prodigalidade insensata ainda perdurou em França até meados do seculo seguinte quando se supoz a arte culinaria ter attingido o seu apogeu. Foi no seculo passado todavia que a cosinha franceza culminou após o apparecimento de "La Physiologie du Goût" livro de grande successo editado em Paris em 1815 com esta epigraphe: dize-me o que comes, dir-te-hei quem és; apezar de não trazer indicação, esta obra foi atribuida ao decantado epicurista Brillat Savarin, literato, advogado, politico e magistrado.

Dahi por diante tornou-se mais delicada a cosinha franceza, visando sobretudo agradar ao paladar e a vista pela succulencia e pelo apuro na apresentação dos pratos. Passou então a França a dictar aos demais paizes as suas regras de arte culinaria, sem lhes occultar nem mesmo os segredos que mais avaramente guardava. Mas principalmente em materia de gosto nem todos os paizes lhe seguiram a risca os dictames.

Assim, concomitantemente com a França aperfeiçoaram-se as cosinhas italiana, ingleza, russa, chineza, indiana, arabe e portugueza; adoptando-se embora alguns pratos da cosinha "leader" integraes ou modificados.

A cosinra brasileira é uma synthese das mencionadas predominando nesta o gosto francez e o portuguez, enriquecida ainda de certos condimentos de origem africana indigena etc. Sadia e nutritiva, a cosinha brasileira é saborosa e por muitos preferida. Fieis ás suas tradições religiosas, mantiveram-se alguns povos do Oriente no vegetarismo para o qual a sciencia ultimamente volveu as vistas, constatando-lhe os reaes beneficios e não hesitando em aconselhal-o sem reservas do mundo inteiro. Surgiu, pois, como universal a cosinha vegetariana, em que os vegetaes constituem o alimento exclusivo ou principal.

PERÚ TRUFADO

Modo de preparar o perú: Mate o perú de vespera. Depois de depenado e chamuscado, corte-lhe o pescoço rente, deixando a pelle envolvente, a qual é talhada na frente, por onde se deve re-

tirar o papo. As tripas e os meúdos são arrancados pela parte inferior da ave. Depois de bem lavado, cruze-lhe as asas nas costas e enfie as pernas num corte que se faz em baixo da mitra, o que toda cosinheira sabe fazer. Numa vasilha funda deite sal, um bouquet de cheiro verde, uma colhér de pimenta do reino, um dente de alho e uma cebolla picada. Misture tudo bem. Depois, abra uma lata de trufas e vá empurrando as laminas dellas entre a pelle e a carne da ave, por todo o corpo, para que a carne fique aromatizada. Ponha o perú em um alguidar, esfregue bem os temperos, por dentro e por fóra, regue-o com uma garrafa de vinho branco, uma chicara de vinagre ou limão e meia garrafa dagua. Deixe-o ahi de repouso até o dia seguinte, na hora de ir para o forno Deve-se ter o cuidado de viral-o de vez em quando para tomar gosto.

Modo de assar o perú: Retire o perú dos temperos e introduza no papo um panno de prato, bem apertado para estufar o peito. Colloque-o numa assadeira voltado para baixo e regue-o com um pouco da vinha d'alhos. Passe manteiga em todo elle e leve para o forno, não esquecendo de regal-o de vez em quando com o molho. Volte para cima e deixe dourar o papo, sempre regando para não ressecar. Na hora de ir para a mesa, corte-o todo em pedaços sem os ossos, procurando tirar do peito fatias bem finas e longas.

NOTA: Arrume no prato os pedaços: a carne escura em baixo, para fazer fundo, e em fórma de coróa, e as fatias do peito em cima, intercaladas com fatias de presunto. No centro vão as castanhas em calda.

Castanhas em calda. Depois de separadas as cascas maiores, pele-as com agua fervendo, como se faz com amendoas, e assim vão cosinhar cobertas dagua. Faça a parte uma calda bem grossa, e nella ainda quente ponha as castanhas cosidas, tambem quentes. Retire do fogo, deixe esfriar e depois ponha as castanhas a escorrer em uma peneira de bambú.

Assim frias e escorridas, sirva como guarnição ao perú.

Viagem pra terra sem sól

(F I M)

A dôr crescia. Violenta. Fina. Como um beliscão que lhe tivessem dado lá dentro, nos pulmões...

Em casa, delirante, contou a sua aventura.

No delirio falava sempre nas planicies geladas da terra sem sól, nas rochas batidas pela neve, no branco Alaska, visinho do pólo. Queria porque queria viajar pra terra sem sól. Queria. E num dia muito luminoso, sem que em Hollywood soubessem nada, a meninazinha partiu.

O SONHO DO VELHO BOXEUR

(FIM)

ção, do metro, mais proxima; diriges para a rua da tua casa o rosto livido, de faces congestionadas. Ha dez annos pensavas que te tornarias um idolo, um derrubador de colossos. Cahiste, te levantaste, cahiste de novo...

Existe, no mundo, uma longa fila de homens semi-nús, como tu, enluvados de couro como tu. Nariz quebrado, orelhas achatadas; coristas da obra na qual participas. Vives do teu officio: um socco hoje, um amanhã

Segues de uma cidade para a outra; viajante de terceira classe; emigrante de todos os dias. E a cada encontro qualquer coisa da tua vida se consome e se desfaz, diante das salas cheias, mergulhadas na penumbra. Contas os golpes firmes que o teu maxilar supporta...

Dormes, velho boxeur, esperando o trem da madrugada. Repousas sobre um banco, numa estação. O guarda varre. Nas sombras, ao longe, as locomotivas chamam... tu sonhas...

THEATRO BRASILEIRO INÉDITO

A "Academia Brasileira do Theatro", — pede- nos chamar a attenção dos interessados para a seguinte disposição do seu "Regimento Interno":

— Art. 19 — A "Academia" acceitará, para leitura, qualquer peça que lhe seja enviada, pelo correio, sob pseudonymo, confiando-a o Presidente a um dos societarios, que deverá apresentar, em sessão ordinaria, um relatorio respectivo para a devida discussão e votação; si a conclusão approvada fôr "negativa", será a peça archivada, salvo se reclamada por quem justificar ser seu autor; e, se a conclusão fôr de "approvação", será convidado o autor a descobrir-se e a "Academia" o ajudará a obter a collocação da sua peça em uma das companhias nacionaes. Assim, qualquer peça poderá ser enviada para "Academia Brasileira de Theatro" — apart. 407, edificio Caetano Segreto, Rua Pedro 1, n. 7 — Rio de Janeiro.

11
1
10
2
9
3
KOHOUT
(ADAPT.)

VI
NO
VI
TA
VINHO
DA
VIDA
PODEROSO
TONICO
RESTAURADOR
DAS
FORÇAS